

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GIOVANNA JAMBERSI

O IMPACTO DO RÁDIO-LABORATÓRIO NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

CURITIBA

2013

GIOVANNA JAMBERSI

O IMPACTO DO RÁDIO-LABORATÓRIO NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial à conclusão do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, do Setor de Artes, Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Ma. Rosângela Stringari

CURITIBA

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL
DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

NOME DA ALUNA: GIOVANA JAMBERSI

TÍTULO: “O IMPACTO DO RÁDIO-LABORATÓRIO NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO”.

LOCAL E DATA DA APRESENTAÇÃO ORAL:

**Sede do Departamento de Comunicação Social da UFPR,
realizada na sala 13 do DECOM, no dia 29/11/13, às 09h.**

BANCA EXAMINADORA

ROSÂNGELA STRINGARI (Orientadora)
ELSON FAXINA
LUIZ WITIUK

MEDIA FINAL:

NOTA

9,0
9,0
9,0
9,0

BANCA EXAMINADORA

ROSÂNGELA STRINGARI (Orientadora)
ELSON FAXINA
LUIZ WITIUK

ASSINATURA

Curitiba, 29 de novembro de 2013.

*O conhecimento é assim:
ri de si mesmo
E de suas certezas.
É meta de forma
metamorfose
movimento
fluir do tempo
que tanto cria como arrasa
a nos mostrar que para o voo
é preciso tanto o casulo
como a asa.*

Mauro Iasi – Trecho de “Aula de vôo”

Aos futuros trabalhadores em
jornalismo e à Academia,

AGRADECIMENTOS

À classe trabalhadora que sem o desenvolvimento tecnológico e intelectual, que ela produziu e produz, não seria possível ter as condições materiais e psicológicas para finalizar este trabalho.

À minha querida orientadora Rosângela Stringari, que é a maior responsável por este trabalho ter visto a luz do dia. Obrigada por me animar incessantemente e pela confiança inabalável no meu trabalho, pelo seu bom humor em tratar dos percalços que encontramos no caminho e a paciência que teve comigo.

Aos meus pais, Márcio e Rosicler, que com muita paciência, carinho e amor me auxiliaram em tudo que eu precisei deles durante esses 21 anos e que tornaram menos penosa a realização deste trabalho.

Ao meu irmão Gustavo, que deixa o peso da vida sob meus ombros um pouco mais leve com seus abraços, cócegas e carinho. Eu te amo!

À minha prima-irmã Nolbia e à minha sobrinha Laura que conseguiram deixar as minhas segundas-feiras mais felizes e encantadoras durante este ano.

Aos que me aguentaram durante os quatro anos de faculdade quase que diariamente e estiveram este ano inteiro ao meu lado, seja ouvindo meus desesperos, rindo da minha cara, me convencendo a largar um pouquinho o trabalho para sair com eles, me mandando parar de me boicotar e fazer de uma vez o TCC ou ainda só discutindo sobre algum assunto besta. Minha sincera amizade e carinho à Marina, Stephanie, Guilherme, Felipe, Mattar, Leonardo e Paulo.

Aos que me acompanham há mais tempo ainda e que me compreendem só por um olhar ou um abraço, obrigada pela amizade ter passado os muros do ensino médio. À Carol, Ana, Lari, Alana, André, Tatá, Lucas, Thiago, Nath e Sérgio.

Ao Guillaume, que foi o maior entusiasta e o maior crítico deste trabalho, depois de mim, e que, mesmo morando a 8.273 quilômetros de distância, me incentivou e me deu uns tapas na cara para acordar quando foi necessário. Obrigada por ser um camarada, amigo e confidente tão precioso. Você me faz bem.

À Irina cujos puxões de orelha foram essenciais para este trabalho ser escrito e organizado. Meu mais sincero agradecimento pelo carinho, paciência e amizade que você tem por mim. É recíproco.

À Dalane e à Patricia que sem elas certamente as mazelas que vejo no

mundo só seriam angústias e tristeza, e não um combustível para querer mudá-lo radicalmente. Obrigada por clarearem minha visão sobre o mundo e terem cuidado com tanto amor dessa base aqui.

Ao Bernardo Paim que, como um camarada e amigo indispensável, sempre teve muita paciência para me escutar e ensinar, você é incrível e eu tenho muito orgulho de ser cria sua.

Aos camaradas do Outubro que a cada dia me ensinam e me fazem refletir sobre acontecimentos que sozinha nunca conseguiria fazer na mesma qualidade, provando que é coletivamente que a vida faz sentido. Seria impossível nomear cada um de vocês, eu só agradeço sinceramente por terem me ajudado a encontrar meu lugar no mundo. O misto de amor, amizade, confiança e cumplicidade que sinto por vocês é inexplicável!

Aos camaradas da AN, que me fizeram entender o verdadeiro significado de camaradagem e me proporcionaram alguns dos melhores momentos destes quatro anos, a saudade e o carinho por vocês são diários. À Ju, Lucas, Ari, Ane, Êgo, Luizinho, Jersey, Ramon, Fabrício e tantos outros.

Aos professores Edson Luiz Spenthof, Luiz Witiuk, Vinícius Durval Dorne e Ana Paula Machado Velho que aceitaram participar deste trabalho, e aos docentes Hendryó André, Felipe Harmata e Mônica Kaseker que contribuíram para o aperfeiçoamento do mesmo. A colaboração de vocês tornou o trabalho possível.

Aos trabalhadores da Floresta que me auxiliaram muito nestes quatro anos de faculdade para conseguir passar pelos percalços da UFPR, do curso e do jornalismo, a fim de finalizar esta etapa.

Ao Faxina, que fez eu me apaixonar desde as primeiras aulas por TV e rádio e dividiu seu conhecimento e experiência com todos nós. Obrigada por me mostrar como o audiovisual é incrível.

Ao Zeca que, para além de um excelente profissional, consegue encantar a todos com suas histórias, simpatia e simplicidade. Obrigada por nos ensinar o valor de um bom personagem e uma boa história.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir o impacto do rádio-laboratório para a formação do estudante de Jornalismo, a fim de contribuir na discussão nas universidades para implantação de projetos deste produto laboratorial. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a educação de jornalismo e dos produtos laboratoriais das produções acadêmicas de José Marques de Melo, Dirceu Lopes Fernandes, Edson Luiz Spenthof, dentre outros. Além disso, foram entrevistados professores coordenadores de três diferentes rádios-laboratórios do país, uma no nível nacional, um de expressão estadual e outra a nível local, a fim de analisar na prática como a teoria sobre essa atividade laboratorial é aplicada e quais são os impactos desta atividade na formação dos estudantes. Chegou-se a conclusão que os rádios-laboratórios têm relevância e impactam positivamente na formação dos estudantes.

Palavras-chaves: Produto laboratorial, Rádio-laboratório, Radiojornalismo.

ABSTRACT

The present work aims instigating the discussion concerning the impact of radio-labs in Journalism undergraduate programs, contributing therefore, to the present discussion in universities about the implementation of radio-labs based projects. In order to achieve our goals, a literature review about Journalism education and Journalism laboratory product found in the academic contributions of José Marques de Melo, Dirceu Lopes Fernandes, Edson Luiz Spenthof was fundamental. Furthermore, a questionnaire was proposed to professors responsible for three different radio-labs, one of them presenting national impact, in order to analyze the practice and the theory about this laboratory activity and what are the impacts of them in the academic journey and career of students in Journalism. The conclusions we reached up to now showed us that the radio-labs experiences are relevant and have positive impact on the undergraduate studies in Journalism.

Key-words: Laboratory contributions, Radio-lab, Radio journalism;

LISTA DE SIGLAS

CFE	Conselho Federal de Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFT	Universidade Federal de Tocantins
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UnB	Universidade de Brasília
UniCesumar	Centro Universitário de Maringá
UniRio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UP	Universidade Positivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 RÁDIO LABORATÓRIO: O QUE É E QUAL O SEU OBJETIVO?	14
1.1 ENSINO UNIVERSITÁRIO: TEORIA E PRÁTICA.....	14
1.2 PRODUTOS LABORATORIAIS.....	18
1.3 RÁDIO – LABORATÓRIO.....	24
1.4 RÁDIO UNIVERSITÁRIA.....	27
2 RELATÓRIO METODOLÓGICO.....	33
2.1 PRÉ-TESTE.....	35
2.2 ENTREVISTADOS.....	36
2.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	36
2.4 OBJETIVO DOS BLOCOS.....	39
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	41
3.1 A PRÁTICA LABORATORIAL: PRODUÇÃO E VEICULAÇÃO.....	41
3.2 PROJETO PEDAGÓGICO E O RÁDIO-LABORATÓRIO.....	43
3.3 IMPORTÂNCIA DO RÁDIO-LABORATÓRIO.....	45
3.4 IMPACTO DO RÁDIO-LABORATÓRIO NA SALA DE AULA.....	47
3.5 COLOCAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO.....	49
3.6 ESTÁGIOS.....	50
3.7 COMPARAÇÃO COM OUTRAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO.....	51
3.8 RÁDIOS-LABORATÓRIOS E AS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS.....	51
CONCLUSÃO.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58
ANEXO I.....	62
ANEXO II.....	65
ANEXO III.....	87
ANEXO IV.....	95
ANEXO V.....	102

INTRODUÇÃO

O Jornalismo começou a ser ensinado formalmente em instituições de ensino no começo do século XX, mais especificamente em 1908, na Escola de Jornalismo da Universidade de Missouri, nos Estados Unidos. Neste contexto, foi criado o jornal vespertino *University Missourian*. Produzido inteiramente pelos alunos e de circulação diária, este jornal-laboratório é considerado o primeiro produto laboratorial de um curso de Jornalismo.

Os produtos laboratoriais se constituem como “instrumento básico no curso de Jornalismo, com o objetivo de integrar os estudantes na problemática da futura profissão.” (MELO *apud* LOPES, 1989, p.51). Eles também conseguem integrar a teoria vista em sala de aula com a prática.

A partir da primeira experiência de Missouri, outros cursos de Jornalismo e outros jornais-laboratórios foram surgindo. No Brasil, o primeiro jornal-laboratório que surgiu foi o mensário *A Imprensa*, da Faculdade Casper-Líbero, no final da década de 1940. Além dos jornais-laboratórios, órgãos laboratoriais de Radiojornalismo e Telejornalismo começaram a ser utilizados pelas universidades, a fim de que seus estudantes também tivessem experiência nessas áreas da profissão.

Porém, mesmo que as universidades utilizem outros produtos laboratoriais, o jornal-laboratório é o único que o Ministério da Educação e Cultura (MEC) exige que o curso utilize para ser reconhecido. Desta forma, existem universidades que não proporcionam produtos laboratoriais de Radiojornalismo e Telejornalismo para os estudantes.

Logo, este trabalho monográfico surgiu a partir de um desejo e necessidade individual de que se tivesse um produto laboratorial de Radiojornalismo na UFPR, assim como se tem um jornal-laboratório na instituição. Durante a construção do projeto, verificou-se que antes de propor um produto laboratorial para a UFPR ou fazer um projeto de como a atividade laboratorial poderia funcionar, era preciso compreender as contribuições e impactos positivos do rádio-laboratório na formação dos estudantes de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

O objetivo desta monografia é discutir o impacto que os rádios-laboratórios têm na formação dos estudantes, assim como contribuir com a discussão sobre o

funcionamento destes produtos laboratoriais nas instituições que não se utilizam deste recurso pedagógico e alertar as universidades da importância do órgão laboratorial em Radiojornalismo.

Qualificar-se de forma adequada para o mercado de trabalho tem sido uma grande preocupação e objetivo dos estudantes. Os estágios se mostram como uma das principais ferramentas para se alcançar este objetivo. Porém, eles não são o único meio de aplicar na prática os conhecimentos vistos em sala de aula. Os produtos laboratoriais também podem contribuir para a qualificação e formação profissional dos estudantes e na relação do conhecimento prático e teórico.

Este trabalho monográfico também se torna importante a fim de dar argumentos para as instituições de ensino compreenderem os efeitos dos rádios-laboratórios nos cursos de jornalismo para os estudantes

Outro objetivo que foi estudado é a diferenciação dos rádios-laboratórios para as rádios universitárias. A fim de que se compreenda que os dois instrumentos são diferentes e cumprem papéis diversos dentro da universidade, mesmo que nas universidades os produtos laboratoriais também possam ser veiculados nas emissoras das universidades.

Para cumprir os objetivos, foram estudados autores que discorrem tanto sobre o ensino de Jornalismo quanto sobre os produtos laboratoriais, tais como os estudiosos José Marques de Melo, Dirceu Fernandes Lopes, Carlos Rizzini, dentre outros.

Nesta fundamentação teórica, foi estudado que a melhor forma para aliar a teoria vista em sala de aula e a prática são os produtos laboratoriais, isso é visto tanto nos teóricos quanto na utilização que as universidades fazem. Também foi feita a diferenciação qualitativa dos órgãos laboratoriais para os estágios, de forma que no primeiro os estudantes conseguem perpassar por todas as funções do processo de produção e no segundo isso não é sempre possível. Além da orientação e *feedback* constante que os estudantes tem dentro dos rádios-laboratórios.

Na comparação entre o rádio-laboratório e a rádio universitária, definiu-se que o órgão laboratorial é aquele em que todo o processo da notícia é produzido por alunos com orientação de um professor e a emissora universitária é um meio de comunicação da instituição de ensino que possui jornalistas formados, estagiários e

grade de programação definida pela direção da universidade. Mesmo que muitos rádios-laboratórios se utilizem da rádio universitária, eles são conceitualmente e praticamente diferentes.

Também foi feito um levantamento por e-mail com as universidades federais que têm curso de jornalismo, se elas se utilizavam ou não desta atividade laboratorial, a fim de compreender quantos rádios-laboratórios funcionam no país. Oito universidades federais, das treze que responderam, se utilizam de rádios-laboratórios.

Para comprovar a hipótese se os rádios-laboratórios contribuem e impactam positivamente na formação dos estudantes de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, foram coletados dados através de um instrumento, composto por 24 questões abertas, aplicado a professores responsáveis por três rádios-laboratórios.

A composição do corpo de pesquisa se deu com quatro professores de três diferentes instituições de ensino que se utilizam do rádio-laboratório. Essas instituições foram definidas de maneira geográfica: uma nacional, uma estadual e a outra local, sendo duas privadas e uma pública. Foram aplicadas questões abertas a fim de entender como o produto laboratorial funcionava na instituição de ensino e quais os impactos dele na formação dos estudantes. Também foi analisado como era a veiculação do produto laboratorial e se o meio utilizado interferia na produção dos estudantes.

Portanto, após os dados coletados e as análises feitas, este trabalho conseguiu concluir que o rádio-laboratório traz impactos na formação dos estudantes.

1 RÁDIO LABORATÓRIO: O QUE É E QUAL O SEU OBJETIVO?

1.1 ENSINO UNIVERSITÁRIO: TEORIA E PRÁTICA

A Universidade surge durante à época do feudalismo, como um bem cultural oferecido às minorias. Neste contexto, aparece um dos ideais da época, que é o da Universalidade. Ou seja, os renascentistas explicavam que o ser humano ideal era aquele que conhecia todas as ciências e todas as artes, e o local para se aprender e se obter todo esse conhecimento seria a Universidade.

Durante o desenvolvimento da sociedade e da tecnologia, as funções da universidade foram se modificando, principalmente pelo avanço das forças produtivas que exigia novas tecnologias (pesquisa), aqui se enfoca nas tecnologias desenvolvidas pelas revoluções industriais que aconteceram desde o século XVIII no mundo, e trabalhadores aptos a manuseá-las (capacitação profissional, ou ensino).

A professora Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero (2006) explica que existem duas posições sobre a função e o papel da universidade: “Os que defendem como suas funções básicas a de desenvolver a pesquisa científica, além de formar profissionais, e os que consideram ser prioridade a formação profissional”. (FÁVERO, 2006).

Este trabalho parte do princípio de que uma das funções da universidade é formar estudantes para serem futuros trabalhadores, ou seja, formar profissionais especializados, sem negar a importância da pesquisa científica, necessária para o desenvolvimento da sociedade.

Para melhor cumprir o papel de qualificação de força de trabalho, as instituições de ensino se utilizam de diferentes, e ao mesmo tempo relacionadas, esferas do conhecimento: a parte teórica e a parte prática. Além delas, também há o processo de reflexão sobre a profissão e a sociedade e como uma influencia a outra. Os cursos de graduação empregam pelo menos duas maneiras de aliar os conhecimentos teóricos e práticos: os estágios e os projetos de extensão. Essas atividades contribuem para uma melhor qualificação do profissional que vai para o mercado de trabalho, pois são espaços onde o estudante consegue colocar em prática o que estudou dentro da sala de aula, além de já ter contato com uma possível área de atuação profissional e, assim, conhecer as diversas áreas e definir

sua preferência. Portanto, como o Art. 1º da Lei dos Estágios (11788/08) afirma que “o estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos” (BRASIL, 2008).

Nos cursos de Comunicação Social não é diferente. Também há o cuidado de utilizar métodos e ferramentas para aliar os conhecimentos teóricos e práticos na formação dos comunicadores sociais. Como diz Cicilia Peruzzo, “parece-nos um pseudo-dilema, ou um falso problema, opor formação teórica e técnico-prática. Ambas são complementares e imprescindíveis à formação integral do profissional da comunicação” (PERUZZO, 2013). O professor Francisco Gaudêncio Torquato do Rego, citado por Dirceu Fernandes Lopes (1989), lembra que ao se formarem os estudantes devem ter se apropriado tanto da teoria quanto da prática.

É importante que os alunos ao saírem dos cursos tenham, do ponto de vista técnico, condições semelhantes às dos que aprenderam somente nas redações, mas é fundamental que possuam uma visão universal que lhes possibilite refletir sobre a sociedade, compreender suas funções e importância de sua atuação. (TORQUATO *apud* LOPES, 1989, p.36)

O professor Edson Luiz Spenthof também considera relevante a articulação entre a teoria e a prática. “A atividade profissional do jornalista requer o conhecimento teórico adequado sobre a natureza da atividade enquanto fenômeno histórico, social e institucional, mas também o aprendizado das habilidades técnicas” (SPENTHOF, 2005). Por isso, ele fala que esta dupla característica tem que ser pensada pelos cursos e proporcionar oportunidades de “vivência prática das teorias e dos conceitos a respeito dos aspectos eminentemente técnicos” (SPENTHOF, 2005). Anamaria Fadul afirma que a única forma do ensino de jornalismo se manter “atualizado é transmitir aos alunos uma formação ao mesmo tempo teórica e prática, possibilitando-lhe uma reciclagem frente às novas tecnologias” (FADUL *apud* LOPES, 1989, p. 36).

No parecer nº1203/77 do Conselho Federal de Educação (CFE), no item 2-Diretrizes¹, explicita-se que o curso deve “aliar a formação teórica ao aspecto prático do ensino e ao fornecimento ao aluno, do instrumental teórico e técnico de

¹ Este parecer foi utilizado como base para a Resolução do Ministério da Educação e Cultura (MEC) nº03/78 que institui o quarto currículo mínimo de Comunicação Social no país.

intervenção”². Desta forma, já em 1977 se mostrava a importância da junção formal dessas duas esferas, constando em documentos que afetavam diretamente os currículos dos cursos de Comunicação Social.

Além dos estágios e dos projetos de extensão, que se configuram em atividades práticas fora da sala de aula, nos cursos de Comunicação Social existe a possibilidade de praticar seus conhecimentos dentro do ambiente universitário. Na tentativa de aliar essas duas esferas do conhecimento (teoria e prática) nas salas de aula, as universidades criam o que se denomina órgãos laboratoriais.

(Eles) têm por objetivo desenvolver conhecimento e habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores, integrando os demais eixos, alicerçados em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular, tais como: jornal, revista e livro, jornal mural, radiojornal, telejornal, webjornal, agência de notícias, assessoria de imprensa, entre outros (BRASIL, 2013).

Os produtos laboratoriais aparecem pela primeira vez, de acordo com Lopes (1989), na Escola de Jornalismo da Universidade de Missouri, nos Estados Unidos, em 1908. O professor Carlos Rizzini (1953) explica que “as aulas práticas eram ministradas de maneira a reproduzirem o funcionamento normal de uma redação (os alunos ‘devem estudar no mesmo ambiente que trabalharão’)” (RIZZINI, 1953, p.27). Desta forma, Rizzini adianta o que o professor José Marques de Melo (2008) coloca quando fala que o objetivo dos produtos laboratoriais é o “de criar ambiente propício para a reprodução dos processos jornalísticos”. (MELO, 2008, p.171).

Nesta primeira experiência do que se conhece como jornal-laboratório, o jornal vespertino *University Missourian* era publicado diariamente, redigido totalmente pelos alunos. Rizzini (1953) cita que no primeiro número do “jornal-laboratório” da Universidade de Missouri, ele se definia como “o laboratório, a clínica, a escola prática do novo departamento” (RIZZINI, 1953, p.27).

Retomando a falsa dualidade entre prática e teoria, Rafael B. F. Martins (2012) afirma que o conflito dos defensores de cada esfera continua, mas neste debate surge um meio eficiente que concilia a teoria e prática: o jornal-laboratório. Utilizando Lopes (1989), pode-se generalizar esta importância não só para os jornais-laboratórios, que se configuram como jornalismo impresso e, atualmente,

² Parecer nº 1.203/77, item 2- Diretrizes.

online, mas para todos os produtos laboratoriais. “Os órgãos laboratoriais, numa concepção dinâmica, envolvem o quadro total da formação do jornalista, deixando de ser apenas prática, técnica ou tecnicismo, para se transformar num aparato de aprendizagem total” (LOPES, 1989, p. 37).

Ainda sobre as esferas da teoria e da prática, Melo (1991) conta que a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) sempre buscou compatibilizar estas duas esferas do conhecimento e utilizou-se dos produtos laboratoriais para alcançar tal objetivo. Para tanto, “os projetos laboratoriais foram dispostos, na estrutura curricular, de forma sequenciada, para permitir um aprendizado prático consentâneo com o embasamento teórico em sala de aula” (MELO, 1991, p.62).

A fim de continuar a ressaltar a importância dos produtos laboratoriais, Lopes (1989) cita José Marques de Melo quando afirma que “a ênfase dada aos órgãos laboratoriais visa preparar melhor o estudante para enfrentar a prática nas redações” (LOPES, 1989, p.23). Para tanto, a função destes laboratórios é “a de criar ambiente propício para a reprodução dos processos jornalísticos, em situações práticas, vivenciadas pelos alunos, das quais os professores extraem evidências para explicar as teorias que embasam a profissão” (MELO, 2008, p. 171). Para explicitar este “ambiente propício”, Spenthof argumenta que uma das vantagens desta articulação entre teoria e prática é especificamente esta antecipação.

Podemos citar entre as vantagens dessa articulação entre teoria e prática e, especificamente, da antecipação de experiências práticas, em primeiro lugar, o contato com a rotina diária de uma emissora de rádio, uma emissora de televisão, um jornal, ou, nos dias de hoje, de um portal jornalístico da internet. É neste espaço que o aluno exercita efetivamente e, em tese, à exaustão, a prática da redação, pauta, reportagem, entrevista, edição, locução, produção e direção de programas informativos, musicais, educativos e de entretenimento, produção visual, fotografia, diagramação (SPENTHOF, 2005).

Com isso, os produtos laboratoriais conseguem antecipar as experiências práticas que os estudantes terão, reproduzindo, dentro do ambiente universitário, processos jornalísticos.

1.2 PRODUTOS LABORATORIAIS

Utilizando a historicização dos cursos de jornalismo feita por Melo (1974) e Lopes (1989), a primeira vez que a formação dos jornalistas se deu de maneira formal dentro de uma universidade foi na Universidade de Missouri, nos Estados Unidos, em 1908. A partir desta experiência, jornalistas brasileiros cogitaram aplicá-la no Brasil. Marcello e Cybelle Ipanema (1968 *apud* Melo, 1974, p.16) contam que a intenção dos jornalistas era de proporcionar à imprensa equipes mais responsáveis.

Melo (1974) conta que a primeira tentativa de criar uma Escola de Jornalismo foi feita pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), com as diretrizes aprovadas no I Congresso Brasileiro de Jornalistas em 1918. Porém, essa Escola nunca chegou a ser implantada.

Após esta primeira tentativa frustrada, Anísio Teixeira junto com o jornalista Costa Rego criou o primeiro curso superior de jornalismo na Universidade do Distrito Federal³, em 1935. A universidade foi fechada em 1939 pelo Estado Novo, e foram mantidos “apenas aqueles cursos que dispunham de similares na Universidade do Brasil, para onde foram transferidos os alunos inscritos” (MELO, 1974, p.17). O que não era o caso do recém-criado curso de jornalismo.

Outras tentativas foram feitas para implantar o curso de jornalismo no Brasil, sendo que Moura (2002) cita o decreto-lei nº910, em 1938, que estabelece a criação dos cursos de Jornalismo. Em 1947, ainda de acordo com a linha do tempo traçada por Moura (2002), a Fundação Casper-Líbero cria o Curso Superior de Jornalismo. Este curso, além de ter sido um dos primeiros do Brasil, se colocou como pioneiro, levando em conta a cronologia feita por Rizzini (1953) e Melo (1974), na utilização de um produto laboratorial para a formação dos jornalistas no país.

Rizzini (1953) descreve da seguinte forma a orientação pedagógica do curso da Fundação Casper-Líbero. “Fiel ao princípio que o aluno deve ver impresso aquilo que escreve, a Escola Casper Líbero mantém desde os seus albores, o mensário *A Imprensa*, a cargo dos estudantes” (Rizzini, 1953, p. 46). Considerado o órgão laboratorial mais antigo do país, o veículo ainda funciona na atual Faculdade Cásper Líbero, sendo editado no formato de revista atualmente, *A Imprensa* tem mais de

3 Em 1935, o Distrito Federal ainda era no Rio de Janeiro. Brasília só se tornou Distrito Federal na sua inauguração, em 21 de abril de 1960.

600 edições impressas.

Outro exemplo pioneiro de uma experiência semelhante ao jornal-laboratório é o do professor Luiz Beltrão, na Universidade Católica de Pernambuco⁴. Beltrão estruturou a unidade de ensino com três objetivos.

a) formar profissionais capacitados para o exercício de todas as funções no processo da comunicação de atualidade; b) realização de pesquisas com a finalidade de analisar os padrões técnicos da imprensa e observar a sua influência junto à opinião pública; c) implantar laboratórios experimentais que pudessem funcionar como centros de renovação dos padrões jornalísticos vigentes (MELO, 1974, p.42).

Para cumprir os objetivos que listou e sem equipamento próprio da Universidade para instalar um jornal-laboratório, o professor Beltrão implantou o que ficou conhecido como jornal-cobaia. Lopes (1989) conta que a experiência funcionava da seguinte maneira: o professor pegava o próprio jornal que circulava na cidade e levava para a sala de aula para simular situações que contribuíssem na formação profissional dos estudantes. Nestas aulas, faziam a comparação do que era feito no jornal com os manuais que estudavam. Além disso, o professor dividia as atividades com os alunos dependendo do período em que estavam. Os estudantes do 1º ano debatiam, reviam e reescreviam as matérias do jornal, os do 2º ano faziam reportagem externas, redigiam histórias que tivessem interesse humano, dentre outras e este material era oferecido pelo professor para a imprensa local. Para os alunos dos últimos anos ficavam os textos de opinião e comentários, que também funcionavam no mesmo molde dos outros.

Desta forma precária, Beltrão comprova o que Melo (1985 b) afirma de que não é somente tendo equipamentos, como espaço físico, que se consegue demonstrar a prática jornalística dentro da universidade.

É preciso ter projetos pedagógicos que orientem o uso desses laboratórios, de modo a oferecer aos educandos possibilidades de enfrentamento das situações que convertam o jornalismo em apreensão concreta da realidade, naturalmente medida pelas abstrações indispensáveis à sua compreensão e interpretação (MELO, 1985 b, p. 130).

Como se pode notar, o primeiro produto laboratorial criado e implantado no

⁴ O curso de jornalismo foi criado em 1961 na Universidade Católica de Pernambuco.

Brasil foram os jornais-laboratórios, em que há a prática de jornalismo escrito na universidade, ou seja, se reproduz a redação de um jornal impresso, ou online, dentro do próprio curso e a produção do material se dá com envolvimento de disciplinas e professores responsáveis.

Lopes (1989) afirma que “a introdução dos órgãos laboratoriais provocou o início de mudança nos cursos de Jornalismo, iniciando a articulação teórico-prática, indispensável na formação do profissional” (LOPES, 1989, p.33). E o autor ainda completa sobre essa importância dos produtos laboratoriais argumentando que existe “uma consciência histórica sobre a necessidade dos laboratórios como espaços fundamentais para a pesquisa e a reprodução ou inovação da prática jornalística” (LOPES, 1989, p.33).

A fim de complementar o raciocínio sobre a importância dos produtos laboratoriais, Melo argumenta da seguinte forma:

O jornal-laboratório constitui instrumento básico de um curso de Jornalismo, no sentido de integrar os estudantes na problemática da futura profissão. A sua finalidade é a de permitir um treinamento adequado na própria escola, de modo que os alunos tenham oportunidade de colocar em execução, ainda que experimentalmente, o acervo de conhecimentos teóricos adquiridos nas diversas disciplinas (MELO *apud* LOPES, 1989, P.51).

Porém, mesmo com essa importância, os únicos órgãos laboratoriais que atualmente o MEC exige que o curso tenha para ser reconhecido o funcionamento da graduação de jornalismo na faculdade são os jornais-laboratórios. Moura (2002) cita a Resolução nº02/84, que estabeleceu exigências para o funcionamento dos cursos de jornalismo, dentre elas está a edição anual de oito jornais-laboratórios, sem nenhuma menção aos outros produtos laboratoriais.

Já na Resolução nº1 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, de 27 de setembro de 2013⁵, que institui as Diretrizes Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, não se especifica exigências de produtos laboratoriais, como se tinha em 1984. O que se contempla sobre o assunto é que em um dos eixos que deve contemplar o currículo de Jornalismo é o de prática

MEC, Resolução CNE/CES 1/2013. Disponível em: <http://www.ilape.edu.br/legislacao/cne/doc_download/610-resolucao-n-1-2013-institui-as-diretrizes-curriculares-nacionais-para-o-curso-de-graduacao-em-jornalismo-bacharelado>. Acesso em: 12 de Nov/2013

laboratorial. Porém, não há especificação de quais produtos laboratoriais, se deve ser mais de um, como vai ser feito, apenas cita os órgãos laboratoriais, deixando esta questão fluida.

A partir do que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo colocam e das reflexões acima, evidencia-se a importância dos órgãos laboratoriais na formação dos jornalistas, independente do tipo de produto laboratorial que os estudantes pratiquem no curso de Comunicação Social. Colocando em foco a importância de que esta atividade seja feita em sala de aula, junto com o professor e o desenvolvimento do conhecimento teórico, Spenthof (1998) define que “a atividade laboratorial é o exercício de experimentação, de aplicação de conhecimentos, de atividades práticas; é realização de ‘notáveis operações’ e ‘transformações’ na formação e no mundo do estudante” (SPENTHOF, 1998, p. 156).

Neste sentido, Lopes (1989) sintetiza a importância e a função dos órgãos laboratoriais.

A importância do órgão laboratorial não está principalmente em não apenas fazer, mas refletir sobre o que fazer. Essa reflexão e crítica sobre a prática profissionalizante contribui para a articulação teoria e prática desenvolvida nos órgãos laboratoriais (LOPES, 1989, p. 37).

Estes laboratórios pretendem contribuir para a formação do profissional em uma qualidade diferente que os estágios fazem, por exemplo. Naqueles se afirma que a responsabilidade da formação do futuro profissional é a do centro educacional e para se qualificar são necessárias experiências práticas. Como defende Spenthof (2005), “a preocupação primeira de uma instituição que tem sobre si a responsabilidade pela formação de profissionais é ela mesma se incumbir desta tarefa” (SPENTHOF, 2005). Sendo que o produto laboratorial contribui para que a universidade seja responsável e não o mercado de trabalho ou o estágio, ele ainda argumenta que a finalidade do mercado não é a de ensinar e nem existe estrutura para isso. Spenthof (2010) analisa a importância dos produtos laboratoriais e a diferença com o estágio.

A diferença básica entre estágio e atividade laboratorial é que o primeiro é realizado em genuíno ambiente e sob supervisão profissional e as atividades laboratoriais em ambiente acadêmico e sob estreita orientação pedagógica por parte de um professor. Estágio é mais circunscrito à aplicação de conhecimentos e vivência profissional e se dá nos semestres finais do curso, geralmente em uma só função jornalística. Já as atividades laboratoriais são caracterizadas pela experimentação, embora também signifiquem em larga escala a aplicação de conhecimentos, podem ser realizadas desde o início do curso, desde que atendidos pré-requisitos básicos, e permitem vivência em um conjunto mais amplo de funções (SPENTHOF, 2010).

A fim de explicitar a diferença qualitativa entre o estudante participar e produzir um produto laboratorial e o de estagiar numa empresa, Spenthof (1998) defende que mesmo com o estágio legalizado, os centros educacionais devem propiciar todos os mecanismos para que os estudantes tenham a mais completa formação. “No caso de um curso de Comunicação, significa, entre outras coisas, criar laboratórios que permitam esta produção e, especificamente, na relação com o público (fundamental para o aprendizado), um laboratório-veículo de comunicação” (SPENTHOF, 1998). Pedro Pomar (2013) ainda problematiza o estágio em jornalismo criticando que ele “reforça a propaganda das empresas de que só elas dominam o saber jornalístico, e dilui a pressão sobre as escolas de jornalismo para que ofereçam laboratórios de boa qualidade e corpo docente qualificado” (POMAR, 2013).

Continuando a diferenciação entre estágio e produto laboratorial, Spenthof (2010) argumenta que a atividade laboratorial permite aprofundar práticas pedagógicas que o ambiente de estágio não permite, como um pensar mais profundo sobre o fazer. “Isso resulta num nível de articulação entre teoria e prática que um estágio tradicional poucas vezes alcançará” (SPENTHOF, 2010).

A existência de um produto laboratorial, que contribui para a qualificação dos estudantes, se mostra muito importante, pois os programas chegam ao público, conseguindo ter um *feedback* e não terminando em trabalhos práticos na apresentação para o professor e os outros estudantes da própria turma. Spenthof (2005) diz que “com o retorno do público, há um esmero infinitamente maior por parte de quem produz algo para ser veiculado”. Ana Paula Machado Velho (2009) relata que a falta de retorno crítico (*feedback*) para os programas produzidos pelos alunos das disciplinas de rádio começou a desmotivar os alunos, pois os trabalhos

acabavam na própria sala de aula, sem ter um público-ouvinte.

Rizzini afirma que os alunos têm muito mais ganhos quando praticam aquilo que aprenderam. “Ninguém aprende a fazer reportagem ou entrevista fora do caso concreto, por devaneio ou imaginação. E fazendo-as, a rigor, ao vivo, delas não tirará fruto apreciável se não as vir publicadas” (RIZZINI, 1953, p.52).

Spenthof (1998) argumenta que a mediação com o público é o que torna um laboratório privilegiado para as faculdades. Além da mediação com o público, também há cobranças de prazos, por exemplo, reproduzindo o que os estudantes encontrarão no mercado. Ao mesmo tempo em que o produto laboratorial procura reproduzir algumas condições do mercado, ele ainda está dentro da Universidade e pode contar com profissionais que, de fato, devem ajudar os estudantes a se desenvolver e auxiliá-los nas dificuldades que tiverem para realizar as atividades.

Outro fator relevante para se pensar um produto laboratorial e aqui, um rádio-laboratório, é que, de acordo com Spenthof (1998) ele também adquire uma conotação de verdadeiro laboratório de ética profissional.

A preocupação com a veracidade, com a correspondência entre o material preparado pelo estudante, comunicador para veiculação e a realidade dos fatos passa a ser uma constante na vida deste estudante. As possíveis distorções na divulgação das informações tendem a ser cobradas de imediato de seu autor, quer pelos colegas de trabalho, também mais atentos, quer, e principalmente, pelo público ouvinte (...) e pela própria fonte consultada para a obtenção das informações, que alerta, pressiona e ameaça, inclusive judicialmente, o repórter que incorre em erro (SPENTHOF, 1998, p.159).

A fim de complementar o raciocínio sobre a importância do público e do produto laboratorial, Spenthof (2005) diz “que é importante porque se trata de uma produção real, com informações reais e julgamento real por parte daquele a quem o jornalismo deve se destinar: o público real” (SPENTHOF, 2005).

Neste contexto, Spenthof (2005) ressalta o fato do produto laboratorial ser um veículo, mas não ter restrições econômicas e políticas.

Outro aspecto importante a ressaltar, aqui, é que pelas características do *veículo*, é possível ao aluno competir no mercado com outra versão dos fatos, livre das restrições econômicas e políticas que normalmente impedem que os veículos comerciais se preocupem com a maioria da sociedade. Isso permite o desenvolvimento do senso crítico/profissional do aluno, pois está, já na condição de estudante, relacionando-se com este mercado e podendo comparar diferentes maneiras de fazer e interesses que estão em jogo. (SPENTHOF, 2005).

Mesmo com a importância que os produtos laboratoriais têm na formação dos futuros comunicadores sociais, apenas o jornal-laboratório é obrigatório para o curso de jornalismo ⁶. O rádio-laboratório e a TV-laboratório, para exemplificar dois órgãos laboratoriais que deveriam ser considerados básicos para o ensino de jornalismo, são opcionais nos cursos. Ou seja, há, em alguns currículos, disciplinas práticas obrigatórias de TV e de rádio, porém sem ter um local para que essa produção encontre o público e seu *feedback* e haja, de fato, a “reprodução de processos jornalísticos”, como diz Melo (2008, p.171).

1.3 RÁDIO – LABORATÓRIO

Visando aprofundar o estudo sobre os órgãos laboratoriais, este trabalho se foca na questão de um dos produtos laboratoriais não presente na maior parte das universidades brasileiras, como conferido em pesquisas informais na internet, mas de grande importância para a formação dos estudantes, que é o rádio-laboratório.

O rádio-laboratório é o produto laboratorial que cria o ambiente propício para a reprodução dos processos jornalísticos em radiojornalismo, como explica Melo (2008). Entendendo, ainda, produto laboratorial como um veículo de comunicação produzido por alunos, vinculado a disciplinas do curso e com orientação de um professor.

As práticas dos alunos nesses veículos-laboratório de jornalismo são sempre acompanhadas de avaliação em sala de aula, de acordo com as disciplinas do eixo teórico do curso e da fundamentação teórica de cada disciplina técnica. Neste sentido, toda essa prática é permeada pelo processo de aprendizado interdisciplinar, envolvendo tanto as disciplinas práticas quanto as teóricas. A avaliação serve também como forma de realimentação das expectativas do aluno que se expõem ao público-alvo. (FAXINA *et al*, 2008)

⁶ Como citado anteriormente, o MEC exige que se tenha oito edições impressas do jornal-laboratório para o curso de jornalismo seja reconhecido.

Tatiana Paulino Costa (2009) argumenta que o objetivo dos órgãos laboratoriais em radiojornalismo é o de “propiciar aos alunos a experiência prática de trabalho de uma redação rádio jornalística, dando a eles visão de como é o dia-a-dia de uma redação”.

O rádio-laboratório acontece para que os alunos tenham condições de desempenhar suas funções no mercado de trabalho, para isso, os estudantes de Jornalismo precisam executar essas mesmas funções por diversas vezes e com a orientação dos professores durante o processo de formação na universidade (COSTA, 2009).

Mesmo sem a exigência, pelo MEC, que os cursos tenham rádios-laboratórios para serem reconhecidos, existem instituições de ensino que contemplam estes laboratórios no seu projeto pedagógico.

Um dos exemplos é o caso do rádio-laboratório desenvolvido na Universidade Federal de Goiás (UFG). O objetivo do produto laboratorial na universidade é o de propiciar um ambiente em que os estudantes possam exercitar o fazer do Radiojornalismo.

Relacionados aos fatores como o de possibilitar aos alunos a vivência em um ambiente como o que irão encontrar no mercado de trabalho; adaptá-los à rotina de produção de um radiojornal diário (execução de pautas, deadline); estimular um maior nível de leitura e, conseqüentemente, de informação a partir da produção de notas, notícias e reportagens radiofônicas; incentivar o trabalho em equipe e ensinar sobre relações hierárquicas, pois há funções que devem ser respeitadas dentro da redação (professor/chefe de reportagem, monitor/editor, diretor de estúdio) (PAVAN *et al*, 2012).

Na UFG, de acordo com Spenthof (2005), os alunos têm cinco programas, com suas respectivas disciplinas de Laboratório Orientado Radiofônico, em que são responsáveis pela programação, desde a pauta até a apresentação do programa, passando por reportagem e edição. Na grade de programação da rádio, três são diários (*Panorama*, *Jornal das Seis* e *Fanático Esporte Clube*⁷), um, é a rádio-revista semanal chamada *Matéria-Prima* e o quinto é intitulado os *Doutores da Bola*, que

⁷ No artigo de 2005, “A experiência laboratorial na Rádio Universitária da UFG e o debate sobre o aperfeiçoamento pedagógico dos cursos de jornalismo”, Spenthof explica que o *Doutores da Bola* é um programa esportivo diário. Mas atualizando a programação, por e-mail, com o coordenador do curso de jornalismo da UFG, que é o próprio professor Spenthof, foi informado que o programa esportivo diário tem atualmente o nome de *Fanático Esporte Clube*. A cópia deste e-mail está no Anexo I.

deixou de ser semanal para ser o programa que transmite ao vivo os jogos do campeonato goiano e brasileiro de futebol profissional. Os alunos também fazem coberturas especiais como a das eleições municipais, estaduais e nacionais do Poder Executivo e Legislativo e cobertura do Festival de Cinema e Vídeo Ambiental da cidade histórica de Goiás.

O Centro Universitário de Maringá (UniCesumar), faculdade particular no Noroeste do Paraná, também mantém um rádio-laboratório para os alunos veicularem a produção feita em sala de aula. A professora Ana Paula Machado Velho (2009) relatou que a vinculação da rádio com as disciplinas fez com que os alunos se motivassem a produzir os materiais.

Grupos de alunos se revezam dentro de sala de aula e nas dependências da emissora, para produzir os mais diferentes programas. E o fato de estarem ouvindo o que elaboram vem fazendo crescer a responsabilidade de cada um na elaboração dos programas e como futuro jornalista (VELHO, 2009).

Desta forma, mostra-se a importância para o aprendizado e incentivo dos alunos a existência de um espaço para veicular os programas produzidos nas disciplinas obrigatórias.

Na Universidade Positivo, instituição de ensino particular em Curitiba, existe “uma estrutura acadêmica de trabalho articulado e interdisciplinar formada por seis veículos laboratoriais do Curso de Jornalismo” (FAXINA et al, 2008) chamada Rede Teia de Jornalismo. Luiz Witiuk lista os produtos laboratoriais que fazem parte dela, são eles: o jornal impresso LONA (Laboratório da Notícia), Rádio Teia, Tela UN, Agência de Notícias, revista Entrelinha e NACO (Núcleo de Assessoria em Comunicação).

A Rádio Teia passou a compor o quadro de produtos laboratoriais da Universidade em 2004. Ela é ambientada na internet e tem programação 24 horas por dia, com grade de reprises, e tem cinco programas que os alunos apresentam ao vivo.

Em sua proposta didática, a Rádio Teia busca ser um meio para: a) a interdisciplinaridade no curso de Jornalismo com produções envolvendo as demais disciplinas; b) veicular material produzido pelos alunos das disciplinas de Radiojornalismo II e Radiojornalismo III; c) veiculação de projetos individuais de discentes; d) promoção de formas de comunicação entre os cursos da instituição (WITIUK, 2013).

Com esta proposta didática, mostra-se que a Rádio Teia é um produto laboratorial vinculado a disciplinas dos cursos e busca o aperfeiçoamento profissional dos alunos.

1.4 RÁDIO UNIVERSITÁRIA

Os exemplos citados anteriormente neste trabalho se configuram enquanto rádio-laboratório, pois se adequam a definição de produto laboratorial que já foi feita neste estudo, principalmente pelos próprios estudantes produzirem o material a ser veiculado e o vínculo estreito da sala de aula com a produção do material. Com isso, os produtos veiculados nestes rádios-laboratórios são de disciplinas da grade curricular e exigem um professor responsável, que auxilia o aluno na produção.

Dos exemplos citados, a *Rádio Teia* é transmitida pela internet, se configurando uma webrádio e toda a programação que é veiculada nela é feita pelos alunos. Já os programas do rádio-laboratório da UFG e dos alunos da UniCesumar são veiculados de maneira diferente, são transmitidos pelas rádios universitárias das próprias instituições de ensino, a Rádio Universitária e a Rádio Universitária Cesumar FM, respectivamente. Nestes veículos universitários, há programas que são veiculados na rádio e que não foram produzidos pelos alunos, mas por profissionais já formados e/ou estagiários.

A rádio universitária é uma emissora vinculada à universidade, ou seja, funciona como um meio de comunicação com jornalistas contratados, estagiários e, às vezes, até com publicidade. Diferindo do rádio-laboratório, que tem produção exclusiva de alunos, existe como espaço acadêmico para contribuir na formação dos alunos e conta com um professor responsável.

A diferença da rádio universitária para outra comercial se dá em que a primeira busca trazer debates da universidade, divulgação científica e publicizar a cultura regional da rádio. A rádio Universitária Cesumar FM coloca esses objetivos logo nos primeiros parágrafos de apresentação da emissora em seu site.

A Rádio UNIVERSITÁRIA CESUMAR FM é uma emissora educativa que tem como compromisso a veiculação de programas de estímulo ao desenvolvimento da cultura, da arte e da cidadania, voltados principalmente às questões regionais. Na programação é apresentada toda a riqueza da boa música brasileira – com destaque especial para a produção da MPB atual e o pop-rock passando pelo blues, instrumental, sertanejo raiz, músicas regionais e música pop internacional. (INSTITUCIONAL RÁDIO CESUMAR, 2013).

A Universitária FM, rádio da Universidade Federal do Ceará (UFC), apresenta em sua página online que sua missão é a de “levar a educação não formal e a produção cultural da Universidade Federal do Ceará (UFC) à comunidade” (RÁDIO UNIVERSITÁRIA FM, 2013). No histórico da rádio também é ressaltado que a emissora oferece grande espaço para a produção musical brasileira, especialmente a nordestina e cearense. Dessa forma, consegue-se mostrar que a rádio universitária tem diferenças das rádios comerciais.

Mesmo a rádio universitária não sendo igual a uma rádio comercial, ela também se diferencia do rádio-laboratório. O professor Nicolau Maranini explica que há significativas diferenças entre o produto laboratorial e a rádio universitária. Enquanto o primeiro se destina à prática das técnicas aprendidas no curso pelos estudantes, a segunda defende interesses comunitários, culturais, políticos e financeiros.

Spenthof (2005) explica a dificuldade em experimentação do aluno nos órgãos universitários, argumentando que “as normas e princípios [destes são] amarrados a preocupações ligadas à situação do mercado ou a uma estrutura de produção que não é especificamente voltada para experimentação por parte do aluno” (SPENTHOF, 2005). Ou seja, mesmo com um caráter aparentemente diferente das rádios comerciais, Spenthof (2005) coloca que as rádios universitárias ainda são amarradas às questões de mercado.

Este veículo universitário não é livre de questões políticas e econômicas. Sendo uma emissora, a sua “proprietária” é a Universidade, e a sua direção final acaba sendo o reitor em exercício. Logo, a linha editorial do veículo é definida por seu “proprietário”.

Já o rádio-laboratório se configura como produto laboratorial que contribui na formação dos estudantes como futuros profissionais, exercendo a função de reprodução de uma redação de rádio dentro da universidade. Mesmo que alguns

rádios-laboratórios sejam veiculados dentro da programação das rádios universitárias, os dois conceitos têm que ser diferenciados.

Parte da conceituação de jornal-laboratório impresso, citada por Lopes (1989)⁸, pode ser usada como paralelo para discutir a rádio universitária. “Eventualmente, seu público [do jornal-laboratório] pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional” (AGÊNCIA FACOS *apud* LOPES, 1989, p.50). Adaptando a frase para a discussão deste trabalho, pode-se afirmar que, eventualmente, o rádio-laboratório pode ser veiculado pela rádio universitária, desde que não tenha caráter institucional.

Todo produto laboratorial deve ter uma linha editorial, como qualquer meio de comunicação, com o intuito de orientar a produção, o enfoque das matérias, a edição. Melo (1985 a) propõe uma forma de como definir esta linha.

É preciso que esses órgãos sejam entendidos como espaços pedagógicos, espaços que devem estar vinculados a uma comunidade à qual eles se dirigem. E sendo espaço de criação livre, eles tenham a sua própria linha política. Não estou pegando aqui que nós vamos ter veículos apolíticos. Tudo é político. Mas a linha política do órgão laboratorial é uma linha que tem que ser estabelecida a partir da comunidade à qual ele se dirige, a partir do eventual consenso que possa existir entre aqueles que produzem e aqueles que recebem. E aí, então, devemos ver como esses veículos podem ouvir as comunidades às quais se dirigem, para fixar suas diretrizes editoriais, ou seja, levar também à participação dos leitores, dos receptores, porque só isso garantirá a independência das administrações universitárias, das tendências estudantis ou dos interesses das corporações dos docentes (MELO, 1985 a, p.124 e125).

Melo (1985 a) defende para qual sentido a linha editorial de um produto laboratorial deve ter, mas não propõe como definir esta política, sendo complementado por Lopes (1989) que discute qual seria a melhor maneira de definir esta linha editorial.

⁸ Este conceito foi definido pela Comissão de Conceituação do VII Encontro de Jornalismo Regional sobre órgãos laboratoriais impressos, realizado na Faculdade de Comunicação de Santos, em outubro de 1982.

1)Seria melhor mostrar aos alunos todos os tipos de definição editorial, deixando a seu critério optar por um deles? 2)Seria preferível colocar em prática, sob forma de rodízio, cada um desses tipos? A criação de um conselho editorial só de alunos, renovável, não daria maior responsabilidade e eficiência a esse campo? A constituição de um conselho editorial com participação de professores, alunos e até de leitores não seria ideal? É possível estabelecer uma linha editorial rígida, considerando que as classes são formadas por alunos de várias tendências e que não seria democrático impor a nenhum desses segmentos uma determinação rigorosa? (LOPES, 1989, p.51).

Depreende-se dos questionamentos de Lopes (1989) que um conselho editorial com participação de professores, alunos e do público mostra-se como a forma ideal para definir a linha política de um produto laboratorial.

A veiculação dos rádios-laboratórios nas rádios universitárias pode apresentar alguns problemas, dentre eles, o fato que o veículo universitário já tem sua linha editorial acertada e que não é definida pelos estudantes. E uma emissora não transmite algum programa que vá contra sua linha política. Logo, a programação e o conteúdo dos órgãos laboratoriais tem que estar minimamente de acordo com a linha editorial da rádio universitária.

Porém, mesmo com esta aparente censura, os estudantes já terem contato com uma linha editorial consolidada de um veículo, da mesma forma que vão encontrar quando forem trabalhadores, está de acordo com os pensamentos de Melo. “Os órgãos laboratoriais são espaços de experimentação profissional e devem reproduzir as condições vigentes na própria sociedade, garantindo a sua autenticidade pedagógica” (MELO, 1985 b, p.136). Logo, os alunos já terem contato com uma linha editorial consolidada, uma direção que pode dar opinião sobre a produção e a edição das matérias, já é um aprendizado para os próprios estudantes de como eles vão lidar com essas questões quando estiverem no mercado de trabalho.

Melo (1989 b) continua nesta defesa quando fala que é essencial que os alunos tenham esse tipo de relação e vivência no processo de aprendizagem. “A pressão dos anunciantes é um dado a ser contemplado pelos futuros jornalistas e torna-se indispensável que eles vivenciem situações dessa natureza no processo de aprendizagem” (MELO, 1985 b, p.136).

Ainda sobre a questão da linha editorial e da possibilidade de haver interferências da diretoria da empresa comercial, Lopes (1989) discorre que o

profissional deve tentar de todas as formas noticiar o ocorrido, mesmo que tenha que driblar a direção do meio de comunicação. Desta forma, o aluno que encontra uma linha editorial mais rígida dentro do produto laboratorial pode já enquanto estudante aprender formas de driblar uma política editorial mais rígida.

Isso não significa, em nosso modo de ver, que o profissional deve se acomodar, se autocensurar para garantir seu emprego. Pelo contrário, deve sempre lutar pela publicação de seu texto, assumindo seu conteúdo e forma e, se for o caso, utilizar sua experiência na elaboração dos textos para passar ao leitor a veracidade dos fatos, mesmo que não se enquadre totalmente na linha editorial da empresa (LOPES, 1989, p.47).

Mesmo com a linha editorial definida pela direção e os alunos não terem plena liberdade dentro da emissora, os rádios-laboratórios transmitidos pelas rádios universitárias contribuem para a formação dos profissionais em jornalismo. Dentre os objetivos da Rádio Universitária Cesumar FM, encontra-se o de qualificação profissional.

Os princípios norteadores da emissora são de auxiliar na formação e qualificação dos estudantes de Jornalismo e Publicidade & Propaganda, que atuam em projetos radiofônicos desenvolvidos juntamente com os professores; dar visibilidade às ações do Cesumar, tanto no que diz respeito à produção científica e projetos de extensão, como nas ações da instituição que tem a finalidade de prestação de serviços à comunidade e divulgação de projetos de desenvolvimento da cidadania e da ética realizadas tanto pelo Cesumar como por outras instituições da cidade; e produzir programas de cunho educativo-cultural-informativo (INSTITUCIONAL RÁDIO CESUMAR, 2013).

Nestes casos se comprova o que Melo (1985 b) discorre de que são mais importantes os projetos pedagógicos dos produtos laboratoriais do que seu espaço físico.

Pensar conceitualmente os laboratórios de jornalismo implica em distinguir antes de mais nada a sua dupla dimensão enquanto instrumentos de aprendizagem (espaço físico) e enquanto oportunidades de experimentação (espaço pedagógico/científico). Em outras palavras: significa distinguir os meios dos fins, articulando-os organicamente (MELO, 1985 b, p.130).

Além disso, os rádios-laboratórios veiculados pela rádio universitária frequentemente conseguem ter mais audiência do que se fosse veiculado de forma autônoma da emissora da universidade. Pois, normalmente, a rádio da instituição de

ensino já tem um público consolidado, ainda que não seja grande, e que se torna também o público do produto laboratorial.

2. RELATÓRIO METODOLÓGICO

O trabalho começou com a revisão bibliográfica e o embasamento teórico, utilizando conceitos da comunicação e do ensino de jornalismo de estudiosos como Carlos Rizzini, José Marques de Melo e Dirceu Fernandes Lopes, dentre outros.

Nesta revisão bibliográfica, foi compreendido o objetivo dos órgãos laboratoriais de “criar ambiente propício para a reprodução dos processos jornalísticos” (MELO, 2008, P.171) e a importância destas ferramentas para agregar a teoria e a prática. Como explica Rafael B. Martins (2012), o jornal-laboratório é uma resposta para maior relação entre essas duas esferas.

Sustentado em aulas teóricas que dão o embasamento sobre jornalismo impresso, o jornal-laboratório possibilita ao estudante praticar todos os passos da produção da notícia – apuração, entrevista, redação, edição e distribuição – oportunidade que talvez ele não teria em um estágio (MARTINS, 2012).

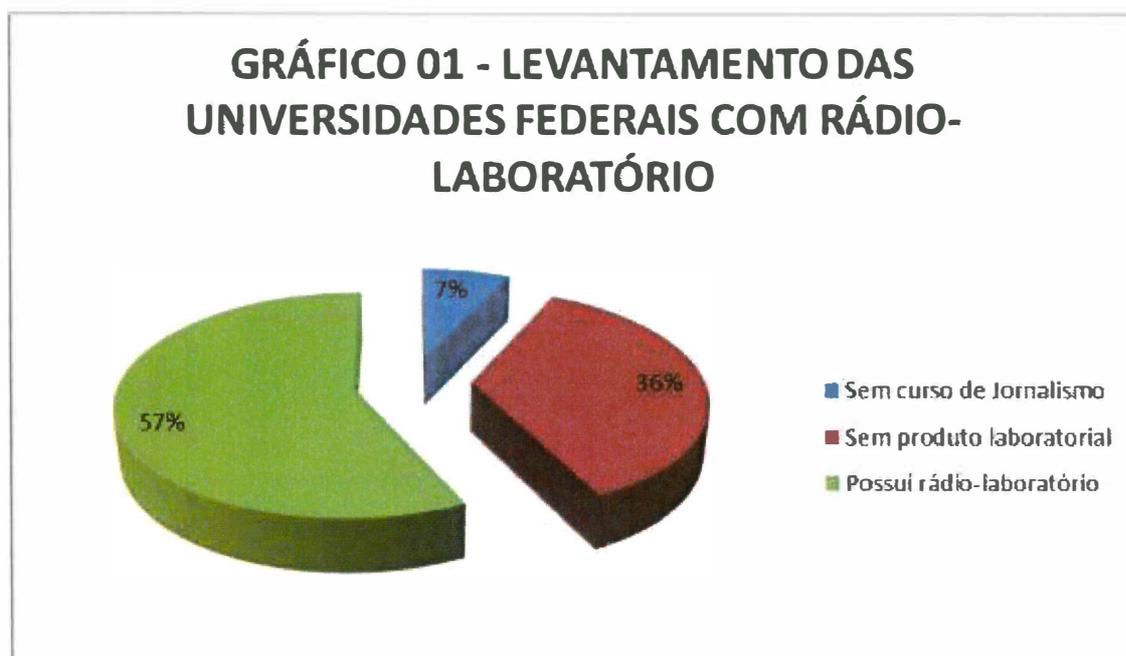
Com base nesta fundamentação teórica, principalmente utilizando Lopes (1989), é possível generalizar para todos os órgãos laboratoriais essa articulação entre teoria e prática.

Com o intuito de coletar dados para avaliar o impacto dos rádios-laboratórios na formação dos estudantes era necessário conhecer o universo que proporciona atividades laboratoriais. Contatou-se 24 universidades federais a fim de fazer um levantamento de quantas instituições de ensino têm rádios-laboratórios. Foi enviado email para as 24 universidades federais que de acordo com o site da Federação Nacional dos Jornalistas⁹ e os próprios sites das universidades informavam que a instituição tinha o curso de Jornalismo.

Foram obtidas 13 respostas das instituições: a UniRio não tem rádio-laboratório, pois não tem curso de jornalismo; UFRRJ e UFT não tem o produto laboratorial, mesmo tendo curso de jornalismo, além disso, já era sabido de antemão que a UFPR também não possui o produto laboratorial e também foi contabilizada no gráfico a seguir; a UFPI e a UFScar também não têm o órgão laboratorial, mas possuem uma rádio universitária e oito (UFPEl, UFU, UFJF, UFG, UFBA, UnB, UFV

⁹ Encontra-se a lista de escolas de jornalismo no Paraná no endereço <http://www.fenaj.org.br/links.php?sec=4>, acessado em 25 de maio de 2013.

E UFMG) têm rádios-laboratórios, dos mais diversos formatos.



Após a pesquisa documental e o levantamento dos rádios-laboratórios, era preciso entender na prática como os rádios-laboratórios funcionavam nas universidades e verificar o impacto deles na formação dos estudantes.

Para realizar esta pesquisa empírica, num primeiro momento, foi cogitada a possibilidade de entrevistar estudantes de todas as universidades de Curitiba que oferecem o curso de Jornalismo, tanto as que têm rádio-laboratório como as que não se utilizam deste recurso. Porém, considerando que os estudantes teriam uma visão mais individualizada sobre a própria experiência no produto laboratorial e não um olhar mais global sobre a atividade, optou-se por coletar depoimentos dos próprios professores coordenadores dos rádios-laboratórios, entendendo que seria mais representativo para os objetivos do estudo. Afinal, o docente tem contato com diversos estudantes, com diversas turmas e trabalha com o órgão laboratorial por um tempo maior que os estudantes participam dele.

Definida esta questão, foi preciso estabelecer quais as instituições de ensino superior fariam parte do estudo. Esta composição foi definida pela esfera geográfica, uma de expressão nacional, uma de nível estadual e outra de nível local. A partir do levantamento com as universidades federais e pela literatura expressiva sobre o

assunto produzida pelo professor Edson Luiz Spenthof sobre rádio-laboratório, foi escolhido o produto laboratorial da Universidade Federal de Goiás (UFG) como representativa nacional. A fim de que o estudo não se limitasse às universidades públicas e pelas publicações da professora Ana Paula Machado Velho sobre o rádio-laboratório do Centro Universitário de Maringá, foi escolhido esse produto laboratorial como representante do estado do Paraná. Já na cidade de Curitiba, a única instituição pública que tem o curso de jornalismo é a Universidade Federal do Paraná (UFPR), que não possui produto laboratorial para radiojornalismo. Desta forma, para representar a esfera local, a Rádio Teia, da Universidade Positivo, foi escolhida.

A partir deste posicionamento, iniciou-se a elaboração de um instrumento para compreender o fenômeno estudado. Conforme o Antonio Carlos Gil (1999) afirma, foi decidido por construir um instrumento de questões abertas para deixar o respondente mais livre para colocar sua percepção. “A principal vantagem das questões abertas é a de não forçar o respondente a enquadrar sua percepção em alternativas preestabelecidas” (GIL, 1999, p.131).

2.1 PRÉ-TESTE

A fim de verificar a qualidade do instrumento, um pré-teste foi aplicado por e-mail a três professores universitários de Curitiba que trabalham com disciplinas de radiojornalismo, para avaliar a qualidade do instrumento de pesquisa.

Os três expressaram a preocupação pelo formato extenso do instrumento e, por conta disso, o risco dos entrevistados não responderem todas as perguntas ou não responderem com a qualidade que se esperava, por ser muito cansativo. Eles sugeriram que algumas questões fossem fundidas e indicaram que a melhor forma de aplicação seria pessoalmente ou por telefone. Também foi observado durante o pré-teste que era necessário explicar melhor o que se entendia por rádio universitária, para não provocar dúvidas. Algumas questões foram incorporadas a outras e, seguindo as instruções, a redação foi corrigida.

Mesmo assim, a necessidade de entender o fenômeno em profundidade fez com que o número de questões resultasse expressivo. Como apenas um entrevistado reside em Curitiba, se tornou impossível entrevistar a todos pessoalmente, e pela solicitude dos docentes em responder a entrevista, no contato

feito anteriormente com eles, as questões foram enviadas por e-mail.

2.2 ENTREVISTADOS

O professor Edson Luiz Spenthof, que coordenou o rádio-laboratório da UFG até fevereiro de 2013, foi contatado desde o começo do estudo quando foi feito o levantamento das universidades federais que têm rádio-laboratório. O professor Luiz Witiuk, atual coordenador do rádio-laboratório da UP, entrou-se em contato pelo Facebook. Assim como com a professora Ana Paula Machado Velho, coordenadora do rádio-laboratório da UniCesumar entre 2002 e 2010. O professor Vinícius Durval Dorne, atual coordenador do rádio-laboratório da UniCesumar, foi indicado pela professora Velho e o contato foi feito por e-mail.

Após as questões terem sido enviadas por e-mail, o professor Edson Luiz Spenthof, da UFG, informou que não conseguiria escrever as respostas, pela falta de tempo e, de acordo com ele, responder ao grande número de questões dissertativas não seria tarefa rápida, se tornando uma tese. E a professora Ana Paula Machado Velho, da UniCesumar, viajou diversas vezes no período que foi enviado o instrumento, impossibilitando-a de responder por escrito. Logo, ambos solicitaram que a entrevista fosse por telefone. Já os outros dois professores, inclusive o professor Luiz Witiuk, que mora em Curitiba, responderam o questionário por e-mail sem relatar problemas para participar do estudo desta forma.

Os professores coordenadores dos produtos laboratoriais contribuiriam na parte empírica das questões que foram analisadas teoricamente, como a relação prática-teoria dentro do produto laboratorial, o estágio *versus* órgão laboratorial, rádio universitária e rádio-laboratório, dentre outros apontamentos levantados.

Após o pré-teste e adequação, o instrumento foi aplicado no formato a seguir.

2.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

⇒ **Identificação:**

- Nome do professor:
- Universidade:
- Rádio-laboratório:

1- Qual período você trabalha/trabalhou com rádio-laboratório?

⇒ **Rádio-laboratório em sala de aula**

2- O rádio-laboratório consta no projeto pedagógico do curso? Você considera que estar ou não no PP interfere no produto laboratorial ou nas práticas em relação a ele? Por quê?

3- Em qual momento do curso os alunos começam a participar do rádio-laboratório? E essa participação do aluno no rádio-laboratório é obrigatória?

4- Como o rádio-laboratório se relaciona com a disciplina?

5- Qual a importância do rádio-laboratório para o processo ensino-aprendizagem?

6- Quais os reflexos do rádio-laboratório dentro da sala de aula? Há mudança em como os alunos se envolvem com a disciplina? Dê exemplos.

7- O rádio-laboratório consegue agregar e contribuir na formação teórica e prática dos estudantes? Alguma dessas duas esferas (teoria e prática) se sobrepõe à outra no produto laboratorial?

8- Qual o impacto que o rádio-laboratório tem na vida acadêmica dos alunos?

9- Quantas horas de programação por semana o rádio-laboratório tem? E quantas horas os alunos utilizam para produzir o material que será veiculado?

10- Quais são os tipos de programa que os alunos produzem para o rádio-laboratório (rádiojornal, programa de entrevista, programa cultura, esportivo, revista, documentário, etc)?

11- Qual é o feedback que você tem dos alunos sobre o rádio-laboratório?

12- Você vê diferenças na formação dos alunos com o rádio-laboratório? Dê exemplos.

⇒ **Comparação com e sem o produto laboratorial**

13- Como os alunos que participaram do rádio-laboratório estão posicionados no mercado de trabalho?

- 14- Qual a diferença do aluno fazer estágio numa rádio e participar do rádio-laboratório?
- 15- Qual é o feedback do público em relação aos programas do rádio-laboratório?
- 16- Você já trabalhou em outra instituição de ensino que não tivesse rádio-laboratório? Se sim, tem diferença do aluno da instituição de ensino que tem esse produto laboratorial para o que estuda na que não tem?
- 17- Você já trabalhou em outra instituição de ensino que tivesse um projeto de rádio-laboratório? Há diferenças para o que você trabalha atualmente? Se sim: quais?

⇒ **Formas de veiculação do produto laboratorial**

- 18- Entendendo a rádio universitária como emissora institucional da universidade, com equipe de jornalistas próprios, estagiários e com programação definida, a instituição de ensino que você atua tem uma emissora de rádio universitária? Se sim, responda as questões de 19 a 22. Do contrário, responda as questões 23 e 24.
- 19- O rádio-laboratório é veiculado pela rádio universitária da instituição ou de forma autônoma da emissora da Universidade? Se não, pule para a questão 23.
- 20- Os alunos têm problemas com a linha editorial da rádio universitária, ou nem a percebem? Como essa relação se dá?
- 21- Você considera que o conteúdo produzido é modificado pela emissora da Universidade, levando em conta a política editorial da emissora? Explique.
- 22- Em sua opinião, quais os benefícios e prejuízos do produto laboratorial ser veiculado pela rádio universitária?
- 23- O produto laboratorial não sendo veiculado por uma rádio universitária, você considera que os alunos têm mais liberdade para produzir o conteúdo do rádio-laboratório?
- 24- Em sua opinião, quais os benefícios e prejuízos do produto laboratorial ser veiculado de forma autônoma da rádio universitária?

2.4 OBJETIVO DOS BLOCOS

As 24 questões levantadas foram divididas em quatro grandes blocos: (i) “Identificação”, (ii) “Rádio-laboratório em sala de aula”, (iii) “Comparação com e sem o produto laboratorial” e (iv) “Formas de veiculação do produto laboratorial”.

A parte (i) identifica o professor, a universidade que atualmente trabalha e há quanto tempo trabalha com o rádio-laboratório.

O bloco (ii) tem o intuito de compreender como se dá a produção do rádio-laboratório, ilustrado pelas seguintes perguntas: “3- Em qual momento do curso os alunos começam a participar do rádio-laboratório? E essa participação do aluno no rádio-laboratório é obrigatória?”, “4- Como o rádio-laboratório se relaciona com a disciplina?”, “9- Quantas horas de programação por semana o rádio-laboratório tem? E quantas horas os alunos utilizam para produzir o material que será veiculado?” e “10- Quais são os tipos de programa que os alunos produzem para o rádio-laboratório (rádiojornal, programa de entrevista, programa cultura, esportivo, revista, documentário, etc)?”.

A fim de entender como o público se relaciona com o rádio-laboratório, existe uma questão no bloco (iii): “15- Qual é o feedback do público em relação aos programas do rádio-laboratório?”.

O segundo bloco de perguntas também contribui para cumprir o primeiro objetivo específico da pesquisa, que é “Discutir o impacto que os rádios-laboratórios têm na formação acadêmica dos alunos participantes das rádios-laboratórios existentes nos cursos de jornalismo no Brasil.”. Para tanto, foram feitas as seguintes perguntas: “2- O rádio-laboratório consta no projeto pedagógico do curso? Você considera que estar ou não no PP interfere no produto laboratorial ou nas práticas em relação a ele? Por quê?”, “5- Qual a importância do rádio-laboratório para o processo ensino-aprendizagem?”, “6- Quais os reflexos do rádio-laboratório dentro da sala de aula? Há mudança em como os alunos se envolvem com a disciplina? Dê exemplos.”, “7- O rádio-laboratório consegue agregar e contribuir na formação teórica e prática dos estudantes? Alguma dessas duas esferas (teoria e prática) se sobrepõe à outra no produto laboratorial?”, “8 - Qual o impacto que o rádio-laboratório tem na vida acadêmica dos alunos?”, “11 - Qual é o feedback que você

tem dos alunos sobre o rádio-laboratório?”, “12 - Você vê diferenças na formação dos alunos com o rádio-laboratório? Dê exemplos.”.

Ainda com o intuito de discutir a importância do produto laboratorial na formação do estudante de jornalismo, comparando a formação com o rádio-laboratório e sem ele, foram construídas as questões do bloco (iii), com as seguintes perguntas: “13- Como os alunos que participaram do rádio-laboratório estão posicionados no mercado de trabalho?”, “14- Qual a diferença do aluno fazer estágio numa rádio e participar do rádio-laboratório?”, “16- Você já trabalhou em outra instituição de ensino que não tivesse rádio-laboratório? Se sim, tem diferença do aluno da instituição de ensino que tem esse produto laboratorial para o que estuda na que não tem?” e “17-Você já trabalhou em outra instituição de ensino que tivesse um projeto de rádio-laboratório? Há diferenças para o que você trabalha atualmente? Se sim: quais?”.

O bloco (iv) tem por objetivo diferenciar o rádio-laboratório com a rádio universitária, contribuindo para que não se confunda o produto laboratorial e a emissora da universidade. As questões também foram elaboradas no intuito de esclarecer se há interferência do centro da universidade na produção laboratorial dos alunos. Para tanto, foram feitas as seguintes perguntas: “18 - Entendendo a rádio universitária como emissora institucional da universidade, com equipe de jornalistas próprios, estagiários e com programação definida, a instituição de ensino que você atua tem uma emissora de rádio universitária? Se sim, responda as questões de 19 a 22. Do contrário, responda as questões 23 e 24.”, “19 - O rádio-laboratório é veiculado pela rádio universitária da instituição ou de forma autônoma da emissora da Universidade? Se não, pule para a questão 23.”, “20 - Os alunos têm problemas com a linha editorial da rádio universitária, ou nem a percebem? Como essa relação se dá?”, “21 - Você considera que o conteúdo produzido é modificado pela emissora da Universidade, levando em conta a política editorial da emissora? Explique.”, “22 - Em sua opinião, quais os benefícios e prejuízos do produto laboratorial ser veiculado pela rádio universitária?”, “23 - O produto laboratorial não sendo veiculado por uma rádio universitária, você considera que os alunos têm mais liberdade para produzir o conteúdo do rádio-laboratório?” e “24 - Em sua opinião, quais os benefícios e prejuízos do produto laboratorial ser veiculado de forma autônoma da rádio universitária?”.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este estudo visa como objetivo principal analisar a importância e o impacto que a rádio como produto laboratorial tem na formação dos alunos de Comunicação Social. Portanto, a apresentação e análise das repostas dos questionários vão ser focadas nas questões que correspondem a este objetivo.

3.1 A PRÁTICA LABORATORIAL: PRODUÇÃO E VEICULAÇÃO

Universidade Federal de Goiás (UFG)

O professor Spenthof respondeu os questionamentos do estudo por telefone¹⁰, no dia 24 de outubro de 2013. Ele atualmente está na coordenação do curso de Jornalismo na UFG, mas anteriormente coordenava o rádio-laboratório do curso. O professor ocupou essa função durante 16 anos, desde 1997 até 2013. Durante a graduação também participou do rádio-laboratório da própria UFG.

O rádio-laboratório da UFG é veiculado pela rádio universitária da UFG e tem cinco programas regulares durante a semana. O radiojornal diário “Jornal das Seis”, a radiorevista “Matéria-Prima” de regularidade semanal, a rádio revista diária “Panorama”, o programa esportivo diário “Fanático Esporte Clube” e o “Doutores da Bola”, que se destina a transmissões ao vivo de eventos esportivos, principalmente jogos profissionais de futebol do Campeonato Goiano e de jogos de competições nacionais que os times goianos participam. Além destes cinco programas regulares, que somam 20 a 22 horas de programação no ar por semana, o rádio-laboratório também faz cobertura das eleições para o legislativo e executivo e cobertura do festival internacional do cinema e vídeo ambiental da cidade histórica de Goiás. As disciplinas responsáveis pelos programas do rádio-laboratório não são obrigatórias no currículo, sendo que os alunos podem participar a partir do terceiro período.

Centro Universitário de Maringá (Unicesumar)

O professor Vinícius Durval Dorne, coordenador do rádio-laboratório do Centro Universitário de Maringá (UniCesumar) desde 2010, respondeu o

¹⁰ As respostas completas do professor Spenthof estão no Anexo II

questionário por e-mail¹¹, no dia 22 de outubro de 2013. E a professora Ana Paula Machado Velho, que foi coordenadora do projeto antes dele, de 2002 a 2010, respondeu as questões por telefone¹², no dia 05 de novembro de 2013. O rádio-laboratório da Unicesumar é veiculado pela rádio universitária da instituição, a Rádio UniCesumar FM e conta com aproximadamente três horas e meia de programação semanal. O produto laboratorial tem o Jornal da RUC, além de apresentar documentários, programas de debates e radiorevistas. Os estudantes participam obrigatoriamente do rádio-laboratório pela disciplina do curso “Radiojornalismo” a partir do terceiro ano do curso. Porém, o professor Dorne explica que alunos da disciplina “Linguagem Radiofônica” já são incentivados desde os primeiros anos do curso a produzir material para veicular na rádio, tanto os alunos de Jornalismo quanto os de Publicidade e Propaganda.

Universidade Positivo (UP)

O professor Luiz Witiuk, coordenador do rádio-laboratório da Universidade Positivo desde 2004, respondeu as questões por e-mail¹³, no dia 16 de outubro de 2013. A Rádio Teia, rádio-laboratório do curso de jornalismo da UP, é veiculado como uma web-rádio, ou seja, pela internet e fica no ar 24 horas por dia. A programação é intercalada com programas ao vivo e gravados durante o dia. O Jornal da Teia é diário e tem horário fixo na grade de programação. Além deste programa, os estudantes desenvolvem reportagens especiais, programas de entrevistas, documentários, programa esportivo, programa cultural, dentre outros, que são veiculadas na rádio em looping durante todo o dia. A Rádio Teia também faz coberturas de eventos como eleições de dois em dois anos e eventos esportivos. A participação no produto laboratorial é obrigatória a partir do segundo ano do curso, sendo que desde o primeiro é possível participar do rádio-laboratório.

¹¹ As respostas completas do professor Dorne estão no Anexo III

¹² As respostas completas da professora Velho estão no Anexo IV

¹³ O questionário respondido está no Anexo V

TABELA 01 COMPARAÇÃO DO FUNCIONAMENTO DOS RÁDIOS-LABORATÓRIOS

	UFG	UNICESUMAR	UP
VEICULAÇÃO	rádio universitária	rádio universitária	Rádioweb
VÍNCULO COM DISCIPLINAS	Sim	Sim	Sim
OBRIGATORIEDADE	Não	Sim	Sim
PROJETO-PEDAGÓGICO	Sim	Sim	Sim
PROGRAMAÇÃO SEMANAL	20 a 22 horas	3,5 horas	24 horas por dia

3.2 PROJETO PEDAGÓGICO E O RÁDIO-LABORATÓRIO

Na UFG, o rádio-laboratório consta no projeto pedagógico do curso de jornalismo. A partir de 2004, quando teve uma reformulação do currículo, foram criadas disciplinas relativas diretamente ao rádio-laboratório, o chamado “Laboratório Orientado”. Cada programa tem uma disciplina “Laboratório Orientado” específica, são elas¹⁴: Laboratório Orientado Programa Radiofônico Fanático Esporte Clube, Laboratório Orientado Programa Radiofônico Panorama, Laboratório Orientado Programa Radiofônico Jornal Das Seis, Laboratório Orientado Programa Radiofônico Doutores da Bola e Laboratório Orientado Programa Radiofônico Matéria-Prima. Antes disso, de acordo com Spenthof, o rádio-laboratório constava de outra forma dentro do curso, como atividade extracurricular, com “pelo menos um professor designado para coordenar as atividades e vários outros professores que quisessem desenvolver projetos de sua iniciativa dentro da rádio”.

O professor Spenthof considera que o produto laboratorial constar no projeto-pedagógico interfere nas práticas em relação a ele, pois há um apoio institucional muito maior com disciplinas que diretamente se relacionam com o rádio-laboratório. Com a mudança do currículo, de acordo com ele, não teve mais falta de professores

¹⁴ Essas informações constam no Anexo I

para a atividade laboratorial no curso, como acontecia quando era um projeto extracurricular. Porém, o professor também coloca que não há interferência o órgão laboratorial estar no projeto-pedagógico do curso, pois quando não constava no currículo, também tinham professores designados apenas para as atividades laboratoriais.

Quando eu comecei e quando eu era estudante, as atividades eram extracurriculares, no sentido de que não eram disciplinas, mas o curso valorizava as atividades como se fossem disciplinas, tanto é que tinham professores designados. Houve época em que teve professores substitutos exclusivamente para essa atividade na rádio. O problema que nós tínhamos, nessa época, é que a administração superior da universidade nem sempre entendia essa necessidade e com frequência faltava professor. Depois que institucionalizou em forma de disciplinas, este problema foi resolvido (SPENTHOF, entrevista concedida para este estudo).

O rádio-laboratório consta no projeto-pedagógico do curso de Jornalismo da UniCesumar e é “elemento essencial para a disciplina de Radiojornalismo” (DORNE, entrevista concedida para este estudo). O professor também defende a obrigatoriedade do rádio-laboratório no projeto do curso, visto “a sua importância que tem para aprendizagem dos discentes no que se refere à prática cotidiana.”. O rádio-laboratório sendo elemento obrigatório do curso garante que qualquer professor que assumir a disciplina de Radiojornalismo na UniCesumar tome como normativa a realização do órgão laboratorial, de acordo com ele.

Já a professora Velho considera que o rádio-laboratório estar ou não no projeto-pedagógico do curso não interfere e que depende de como o colegiado do curso se porta. Ela conta que a atividade laboratorial fazia parte do planejamento de ensino e se tornou um projeto de ensino e um projeto de extensão na época em que estava à frente do rádio-laboratório.

Witiuk também considera que o órgão laboratorial estar no projeto-pedagógico não interfere nas práticas laboratoriais. Na Universidade Positivo, a Rádio Teia não consta no projeto-pedagógico do curso, mas há a proposta de, no radiojornalismo, se utilizar de todos os meios possíveis para que os alunos tenham todas as oportunidades de exercitar a profissão. O professor considera que a ausência do rádio-laboratório no projeto-pedagógico não interfere “porque a prática depende muito mais da motivação e da convivência do professor com os alunos do que apenas constar num plano”.

3.3 IMPORTÂNCIA DO RÁDIO-LABORATÓRIO

Já para o processo de ensino-aprendizagem, todos os quatro professores concordaram da importância do produto-laboratorial. O professor Spenthof considera de fundamental importância o rádio-laboratório para o processo ensino-aprendizagem. O professor Dorne considera de extrema importância o produto laboratorial para o processo de ensino-aprendizagem para que os estudantes compreendam “como funciona, na prática, as discussões travadas nas obras estudadas referentes ao Radiojornalismo”. O professor Witiuk resume a importância do rádio-laboratório afirmando que “os alunos sabem, desde as primeiras experiências com o rádio, que a Rádio Teia [rádio-laboratório] é a grande oportunidade de, ao terminar o curso, ir para o mercado sabendo fazer rádio”. A professora Velho avalia como fundamental o rádio-laboratório no processo de ensino-aprendizagem e explica que é nas dificuldades do dia-a-dia na produção radiofônica que o estudante se constrói como profissional.

Quando você faz o rádio – laboratório, a pessoa precisa resolver problemas, isso vai construir o profissional de uma maneira diferente, porque ele já vai enfrentar ali situações que ele pode enfrentar também no cotidiano na área profissional (VELHO, entrevista concedida para este estudo).

Spenthof exemplifica as vivências práticas que os alunos conseguem ter dentro do curso, como coletivas com governador ou ministros, e ainda justifica explicando a possibilidade de analisar a teoria e a prática durante a produção do rádio-laboratório.

Tem a possibilidade de com frequência parar a produção e chamar a teoria agora para o centro da nossa mesa, vamos ver o que nós estamos fazendo à luz da teoria ou vice-versa. Vamos ver o que uma contribui com a outra, a teoria com a prática, e vamos ver o que a teoria tem a ajudar para melhorar algumas coisas (SPENTHOF, entrevista concedida para este estudo).

Ele explica que quando se para, a fim de se realizar este balanço, analisa-se se estão usando corretamente as teorias aprendidas em sala de aula, como cobertura de interesse público, agenda-setting e a ética jornalística. A professora Velho considera que a força do rádio-laboratório vem de justamente não privilegiar

nem a parte teórica nem a parte prática, que existe para “colocar em prática o que se viu na teoria”. Ela considera que é no rádio-laboratório que se equilibra a parte teórica e enfrenta as questões práticas. O professor Witiuk considera que as partes teórica e prática se complementam e uma é resposta para outra.

O professor Dorne não considera que uma esfera se sobreponha à outra, pois “a teoria é elemento fundamental para a prática (não há prática sem uma teoria que a respalde), e a teoria não tem fundamento sem uma prática sobre a qual reflita (sobre a ação do homem na sociedade).” E ele concorda com os outros três professores, reafirmando a importância das duas esferas para a formação do estudante.

É nitido como o rádio-laboratório contribui para com a formação tanto teórica quanto prática dos estudantes, uma vez que a teoria é a base das reflexões que levam os alunos a compreender o que é um rádiojornal, radiorevista, programa de debate e radiodocumentário (estrutura, elementos, funcionamento etc) e suas implicações dentro da sociedade contemporânea, e a prática é o momento propício para o discente aprender/compreender como se efetivam os diferentes formatos/gêneros radiojornalísticos (DORNE, entrevista concedida para este estudo).

Spenthof considera que o retorno da análise da teoria e da prática é extremamente importante para o estudante em termos pedagógicos e para o interesse no curso e na profissão.

“Isso mantém o gosto do aluno pelo curso, pela formação e não distancia o curso da realidade profissional, ao contrário, aproxima o aluno da realidade profissional, e de uma forma crítica, de uma forma que ele possa estar constantemente avaliando o que está fazendo” (SPENTHOF, entrevista concedida para este estudo).

Ele também não concorda com os defensores que falam que “a prática é aprendida em poucos meses”. Spenthof fala que a prática tem que ser treinada e que “não é por acaso que se costuma dizer que um jornalista está pronto com dez anos de profissão”. Porém, ele defende que um curso não se faz também só com a prática, é necessário a teoria e a prática estarem aliadas. “O equilíbrio é extremamente necessário aí, uma não vive sem a outra, até porque a gente não executa bem nenhuma atividade prática sem um mínimo de reflexão”.

Spenthof discorda dos outros professores que não consideram que a prática ou a teoria se sobreponha a outra no rádio-laboratório. Ele sustenta que o rádio-

laboratório é o momento da prática, portanto, o foco vai ser maior nela do que na teoria. Mas ele coloca um porém, explicando que mesmo sendo o momento da prática, “a teoria está diretamente presente”. Ele exemplifica que no rádio-laboratório da UFG, frequentemente avaliam os programas que produzem e trazem a teoria aprendida em sala de aula para analisar a própria produção. O professor Spenthof explica que na disciplina teórica, o foco é a teoria.

O momento da teoria da disciplina teórica foi e é planejado para sobreposição da teoria sobre a prática. Mas a teoria sem trazer a prática para dentro também ela se torna uma teoria vazia, também precisa da prática. Mas nas disciplinas teóricas se sobrepõe a teoria e nas disciplinas laboratoriais práticas se sobrepõe à prática, só que as duas são vazias e fracas, se uma não puxar a outra para dentro de si também (SPENTHOF, entrevista concedida para este estudo).

Logo, mesmo defendendo que, em determinados momentos, uma é mais trabalhado do que a outra, o professor concorda que a teoria é essencial à prática e vice-versa.

3.4 IMPACTO DO RÁDIO-LABORATÓRIO NA SALA DE AULA

O professor Dorne também explica que os estudantes que passam pelo rádio-laboratório geralmente “são mais completos, pois puderam vivenciar a práxis, ou seja, puderam compreender como teoria e prática são indissociáveis, uma vez que são complementares”.

O feedback que os professores têm dos estudantes em relação ao rádio-laboratório é extremamente positivo. O professor Spenthof afirma que a participação no rádio-laboratório faz com que os alunos tenham mais gosto pelo curso, deles gostarem de fazer a atividade laboratorial e ser quase uma atividade lúdica. Ele exemplifica ainda que o órgão laboratorial já fez alguns estudantes desistirem de mudar de curso e continuar até o fim em jornalismo. “Muitos desistem de uma mudança de curso por causa das atividades nossas na rádio. A formação fica muito mais rica”.

Dorne também conta que os alunos comumente enfatizam que o rádio-laboratório foi “essencial para eles aprenderem efetivamente o que é fazer jornalismo para o rádio”. O professor Witiuk conta que a mudança do estudante após

participação do rádio-laboratório é “algo impressionante”, que até mesmo aquele aluno que negava o rádio, começa a se entusiasmar com o radiojornalismo. A professora Velho enfatiza o amadurecimento e o desenvolvimento dos estudantes a partir do órgão laboratorial. “Eu sempre senti um desenvolvimento muito grande, exatamente por causa da questão, que eu imagino, da prática. Isso dá um outro pique de desenvolvimento para as pessoas”.

O retorno positivo também é percebido dentro de sala de aula. O professor Spenthof fala que os alunos se tornam mais responsáveis tanto em relação ao rádio-laboratório quanto pelas outras matérias do curso que não são diretamente relacionadas ao produto laboratorial. Além disso, ele ressalta a melhora dos textos dos estudantes e o domínio do tempo que os estudantes têm que ter, pois os materiais devem estar prontos para o horário do jornal diário. O professor Dorne ressalta esse envolvimento dos estudantes. Eles se preocupam com a qualidade plástica e informativa do radiojornal, assim como a inovação de propostas temáticas a cada ano.

Mesmo com esse feedback majoritariamente positivo, o professor Witiuk fala que tem alguns, poucos, estudantes que não se envolvem tanto e apenas “aguentam” a Rádio Teia¹⁵. Já o professor Spenthof coloca que o grande envolvimento no rádio-laboratório pode ter também um efeito colateral negativo, mesmo que seja de menores proporções.

O aluno que gosta tanto desta atividade prática laboratorial que ele não dá mais importância para a teoria, ele acha que a teoria é desnecessária e supérflua. Esse é um efeito colateral sim e que a gente tem que estar atento a ele constantemente, e tem que combatê-lo (SPENTHOF, entrevista concedida para este estudo).

Retomando aqui a discussão feita anteriormente da importância de agregar a teoria e a prática dentro do rádio-laboratório. Spenthof argumenta que se só der ênfase na importância da atividade prática laboratorial, a teoria fará falta para os profissionais algum dia dentro do mercado de trabalho.

¹⁵ Lembra-se aqui que na Universidade Positivo a atividade laboratorial faz parte de disciplina obrigatória do curso de Jornalismo.

3.5 COLOCAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

O futuro posicionamento no mercado de trabalho é um dos fatores mais fortes de retorno positivo que os professores têm do rádio-laboratório. Os quatro docentes relatam que os alunos que mais se envolveram no rádio-laboratório estão bem posicionados no mercado de trabalho e que estes, agora jornalistas, colocam a importância do órgão laboratorial na formação deles. “Os egressos inseridos no mercado de trabalho também afirmam que para sua efetivação no veículo de comunicação foram imprescindíveis os ensinamentos ao longo da disciplina [de Radiojornalismo]¹⁶” (DORNE, entrevista concedida para este estudo). Porém o docente não atribui somente à atividade laboratorial essa colocação do profissional. “Os alunos que se empenham no rádio-laboratório (mas também em demais disciplinas, uma vez que acredito em uma formação completa do discente e não parcial/fracionada) estão bem colocados no mercado de trabalho” (DORNE, entrevista concedida para este estudo).

O professor Witiuk também relata experiência de estudantes ressaltando quão importante foi a participação no órgão laboratorial para estarem posicionados no mercado radiofônico. “É frequente ouvir alunos, hoje formados, afirmarem que o que as aulas e as práticas de rádio-laboratório proporcionaram e facilitaram o engajamento no mercado de trabalho radiofônico” (WITIUK, entrevista concedida para este estudo). A professora Velho concorda com os outros docentes na importância do rádio-laboratório para a formação do aluno e seu posterior posicionamento no mercado de trabalho. Ela retoma a maturidade que o produto laboratorial dá para o aluno para encarar o mercado de trabalho e conta que os alunos que mais se destacaram estão trabalhando com rádio.

Os estudantes participantes do rádio-laboratório da UFG também se destacam nas empresas jornalísticas. Além dos egressos do curso que, assim como os das outras instituições de ensino, estão bem posicionados no mercado de trabalho, Spenthof relata que editores de rádios comerciais ouvem o programa produzido e apresentado pelos estudantes e entram em contato para já contratar o aluno. Ou seja, durante a faculdade os estudantes já recebem propostas de trabalho

¹⁶ Na UniCesumar, o rádio-laboratório é integrado com a disciplina de Radiojornalismo. Portanto, quando o professor se refere à disciplina, ele também se refere ao produto laboratorial.

em meios de comunicação. Exemplificando a afirmação do professor Dorne, de que o instrumento laboratorial é fundamental para os estudantes terem “uma formação completa e estarem preparados para aquilo que os veículos de mercado exigirão”. Logo, para os editores das rádios comerciais de Goiânia, os estudantes participantes do rádio-laboratório já estão preparados para o que o mercado de trabalho exige.

3.6 ESTÁGIOS

Outra forma dos estudantes se apropriarem de ferramentas práticas e treinarem, por assim dizer, para o mercado de trabalho é o estágio. Porém os docentes fazem a diferenciação entre o aluno fazer estágio em uma rádio e dele participar do rádio-laboratório.

O professor Spenthof define o estágio como a vivência profissional antecipada num ambiente genuinamente profissional e a atividade laboratorial como atividade de caráter acadêmico desenvolvida num ambiente genuinamente profissional. Ele também considera o estágio como uma atividade acadêmica, porém desenvolvida em outro ambiente.

O docente da UFG também diferencia as duas atividades explicando que no produto laboratorial a atividade jornalística é vista e pensada de forma crítica. Diferente do espaço de estágio que, muitas vezes, está submetido às regras do mercado. Porém, Spenthof não acha que se deva condenar o estágio, “pois é uma forma de aprender a lógica do mercado”.

Dorne fala que a maior diferença entre os dois é que no produto laboratorial se tem a oportunidade de refletir sobre a produção e que este espaço serve justamente para isso. Ao contrário do estágio em que o fazer é priorizado em detrimento do refletir.

Muitas vezes, nos veículos de comunicação, priorizam-se somente as etapas de produção, mas não uma reflexão a posteriori, que é tão importante quanto o próprio fazer jornalístico. Desta forma, o rádio-laboratório é este espaço primordial para o aluno produzir e refletir conjuntamente (com o professor – que orienta e coordena todas as etapas de produção: questionando o próprio momento do fazer – e demais colegas de turma) (DORNE, entrevista concedida para este estudo).

Os professores Spenthof e Witiuk ressaltam que no rádio-laboratório os

estudantes têm possibilidade de passar por todas as etapas da produção e efetivamente colocar a mão na massa, o que não necessariamente acontece numa rádio comercial. Witiuk fala que a experiência do estágio fica mais restrita, por nem sempre o aluno ter a oportunidade de atuar diretamente na rádio. Spenthof também fala que, no geral, o aluno aprende menos funções no estágio do que na estrutura do rádio-laboratório da UFG.

Além dessas diferenciações, a professora Velho considera que se tem pouco feedback do que o estudante faz no dia-a-dia numa rádio comercial. Já no rádio-laboratório, se tem a correção e a avaliação do que os alunos produzem.

3.7 COMPARAÇÃO COM OUTRAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Na comparação entre as atuais instituições de ensino dos professores, que tem rádio-laboratório, para outras instituições que eles teriam trabalhado anteriormente que não tinha rádio-laboratório, apenas os professores Witiuk e Velho já tiveram essa experiência.

Os dois consideram que tem uma grande diferença entre os estudantes que tem a oportunidade de ter o rádio-laboratório no curso para os que não têm. O professor Witiuk fala que o estudante sem o produto laboratorial em radiojornalismo sai da universidade sem a noção de experimentação e acaba perdendo oportunidades. A professora Velho segue o mesmo argumento que Witiuk, falando que os estudantes da faculdade em que trabalhava e não tinha órgão laboratorial não tinham como viver a realidade cotidiana do jornalismo, englobando aqui não só o rádio-laboratório, mas também os outros produtos laboratoriais, como o jornal-laboratório impresso.

3.8 RÁDIOS-LABORATÓRIOS E AS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS

O único rádio-laboratório não veiculado por uma rádio universitária é a Rádio Teia, da UP. O produto laboratorial é uma rádioweb que tem programação 24 horas por dia¹⁷. Os dois outros produtos laboratoriais são veiculados pela emissora da

¹⁷ O rádio-laboratório pode ser ouvido no endereço <http://radioteia.redeteia.com/>

universidade. Na UniCesumar, ele é veiculado na Rádio UniCesumar FM 94,3¹⁸ e na UFG, na Rádio Universitária AM 870¹⁹.

O professor Witiuk considera que a Rádio Teia não ser veiculada por uma rádio universitária traz mais liberdade para a produção do rádio-laboratório. Ele justifica este posicionamento pela necessidade dos alunos terem “a oportunidade de experimentar novos formatos e expandir a criatividade.” Ele também não percebe prejuízos do produto laboratorial ser veiculado desta forma, compreendendo que só tem benefícios, como: “valorização do aluno, da sua criatividade, mostrar o tipo de produção desses alunos, expandir mais o leque de oportunidade de apreciação do trabalho do aluno”.

Os professores que trabalham com os órgãos laboratoriais veiculados na emissora da universidade não consideram que tenha prejuízos ao produto laboratorial ser veiculado desta forma. A única ressalva é do professor Spenthof que especula se a rádio universitária fosse vinculada diretamente ao curso de Jornalismo, talvez houvesse uma autonomia maior e a linha editorial fosse melhorada da emissora.

Já sobre os benefícios do rádio-laboratório ser veiculado pela rádio universitária, eles citam diversos. O professor Dorne afirma que é por meio da emissora que o trabalho dos estudantes “pode ser (re)conhecido socialmente”. Além disso, a rádio universitária ser estabelecida e reconhecida na cidade se torna vitrine para a produção veiculada ali.

Da mesma forma, o professor Spenthof também discute a visibilidade que a produção dos alunos tem pela veiculação na emissora universitária. Como já dito anteriormente, editores de rádios comerciais ouvem os estudantes no produto laboratorial e querem contratar os alunos. Comprovando a “vitrine” que Dorne fala.

Os professores afirmam que os estudantes não têm problemas com a linha editorial da rádio universitária. O professor Spenthof explica que se procura não contrariar a linha editorial geral da rádio e utiliza-se disso para ensinar os alunos que “todo veículo tem uma linha editorial, que não se pode contrariar, mas se tem uma autonomia bastante grande de até, às vezes, interpretar um pouco essa linha editorial e fazer uma adequação dela.” Ao mesmo tempo em que ele afirma que os

¹⁸ A rádio também pode ser ouvida no endereço <http://www.radiocesumar.com.br/>

¹⁹ A rádio pode ser ouvida em <http://www.radio.ufg.br/>

estudantes não têm problemas com essa política editorial pois ela está de acordo com o que é ensinado no curso: o jornalismo deve ter como foco o direito do cidadão, a informação de qualidade e o respeito ao público.

O professor Spenthof diz que não há veto de assuntos, mas existe uma maneira de focar a pauta, portanto, os alunos percebem essa linha editorial, mas, de acordo com o docente, não têm problemas com ela. Até porque, na UFG, no começo de cada semestre, o professor responsável apresenta a linha editorial da rádio universitária para os estudantes e discutem sobre ela durante a prática laboratorial. “Durante o semestre, várias vezes a gente faz uma rediscussão [sobre a linha editorial], às vezes os alunos propõem um acréscimo ou uma supressão de alguma coisa, então eles entendem e praticam essa linha editorial”.

O professor Dorne também faz uma explanação sobre a rádio universitária no começo das atividades, explicando o que é a rádio educativa, os seus objetivos e o caráter das produções. A partir disso, ele considera que os alunos conseguem compreender as particularidades da produção jornalística dependendo do tipo de emissora que será veiculado. O docente também afirma que a rádio universitária possibilita um espaço de experimentação da aprendizagem desenvolvida em sala de aula longe de qualquer amarra política e econômica.

Os professores da UniCesumar também negam que houve alteração da produção pela direção da rádio ou qualquer tipo de veto ao produto laboratorial. A professora Velho até comenta que sempre puderam falar sobre o que queriam, inclusive sobre temas considerados polêmicos como aborto e religião. O professor Dorne explica que a rádio universitária “não impõe qualquer limitação político-econômico-partidária”, portanto, “os alunos têm espaço para ousar e colocar a criatividade em ação”. Ele afirma que o único tipo de proibição dentro da emissora são expressões eróticas ou pornográficas. Além disso, os próprios estudantes “nunca reclamaram de se sentir limitados para produzir para uma emissora educativa”.

O professor Dorne vai além e fala que, caso alguma universidade não tenha emissora própria, é possível veicular a produção de radiojornalismo dos estudantes até mesmo em emissoras comerciais.

Não há impossibilidade de o conteúdo ser veiculado por demais emissoras; reforçando que sempre o discente tem de observar se a emissora que veiculará o conteúdo não está impedindo ou colocando alguma barreira (linha editorial) para os alunos na produção do material (DORNE, entrevista concedida a este estudo).

O professor Spenthof afirma que teve poucas vezes que a direção central da universidade tentou intervir na produção do rádio-laboratório. Muitas vezes ele diz que os reitores não compreendem porque cobrimos uma pauta que faz críticas à universidade. Ele conta de um caso que uma reitora questionava do porquê o rádio-laboratório batia na administração da universidade, na ocasião. O professor explicou que o objetivo não era bater, mas sim informar a população e que a rádio abria o canal para que a reitora colocasse seu próprio ponto de vista. Além disso, ele também defendeu que é necessário ensinar aos alunos “o que é correto e o bom jornalismo”, no fim, de acordo com o docente, ela compreendeu. Mas ele reafirma que não há uma intervenção muito clara.

Spenthof também conta que mesmo durante a cobertura das eleições que o produto laboratorial faz, não há intervenção. O que já aconteceu, em nível político, foi uma sugestão de pauta de uma praça que seria inaugurada pelo prefeito e que eles poderiam falar sobre o assunto em três edições seguidas. Eles noticiaram, até pelo valor-notícia do acontecimento, apenas uma vez e não houve nenhuma pressão para que se continuasse essa cobertura nas outras edições.

CONCLUSÃO

Desde a criação do instrumento jornal-laboratório no século XX até hoje, em que se têm produtos laboratoriais em diversas áreas (jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, dentre outros), não se encontra uma grande expressão de produção acadêmica sobre este assunto. Sobre o jornal-laboratório se tem maior produção acadêmica e mais ampla, mas mesmo sobre este produto laboratorial as publicações são limitadas em quantidade. Já sobre os outros órgãos laboratoriais, o que se tem é mais focado nos exemplos e não de forma ampla e generalizada.

Esta maior expressão que o jornal-laboratório tem na própria literatura sobre produtos laboratoriais se deve, além de ter sido o primeiro, pela exigência que o MEC faz. Na Resolução nº02/84, exige-se que o curso tenha que produzir e imprimir oito edições do jornal-laboratório para que o curso seja reconhecido pelo MEC, porém outros órgãos laboratoriais não são citados nesta resolução de 1984.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo, instituída na Resolução nº1 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, de 27 de setembro de 2013 e que devem ser implementadas em até dois anos pelos cursos de jornalismo, são citados todos os produtos laboratoriais, mas sem nenhuma exigência clara. Ou seja, o documento deixa em aberto a questão dos órgãos laboratoriais, não exigindo nenhum para o funcionamento do curso. Desta forma, secundarizando mais uma vez a importância dos rádios-laboratórios.

Este trabalho buscou comprovar se tinham impactos positivos o uso dos rádios-laboratórios nos cursos e quais estes impactos na formação dos estudantes de Comunicação Social, habilitados em Jornalismo. Também se tinha como objetivo contribuir nas discussões das universidades sobre a implementação dos rádios-laboratórios.

A partir do instrumento aplicado a quatro professores responsáveis por um produto laboratorial em radiojornalismo e a fundamentação teórica que sustenta este estudo, é possível apresentar algumas conclusões sobre o rádio-laboratório e seu impacto na formação dos estudantes de Comunicação Social – Jornalismo.

A primeira é que, mesmo não sendo essencial o órgão laboratorial estar no

projeto pedagógico do curso para que as universidades se utilizem desta atividade laboratorial, é inegável dizer que constar no projeto-pedagógico contribui para garantir que o rádio-laboratório efetivamente funcione. Como o professor Dorne, da UniCesumar, afirma que a atividade laboratorial estando no projeto-pedagógico “garante que todo e qualquer professor que assuma a disciplina tome como normativa a realização do mesmo [rádio-laboratório]”.

Os dados coletados apontam para a importância que o produto laboratorial tem para o processo de ensino-aprendizagem. Os motivos dessa importância são a compreensão da prática a partir da teoria vista em sala de aula, já na faculdade encarar os problemas do dia-a-dia da produção radiofônica, se construir como profissional e a oportunidade de ir para o mercado de trabalho sabendo fazer rádio.

As respostas dos professores, focadas na formação profissional dos alunos, acompanham o pensamento do professor Melo sobre a importância e objetivo do produto laboratorial que é o de “criar ambiente propício para a reprodução dos processos jornalísticos, em situações práticas, vivenciadas pelos alunos, das quais os professores extraem evidências para explicar as teorias que embasam a profissão” (MELO, 2008, p. 171).

Portanto, depreende-se a partir da pesquisa empírica feita que os rádios-laboratórios conseguem cumprir o objetivo de contribuir na formação dos estudantes. Pois se concluiu que, quando os alunos colocam em prática o que aprenderam em sala de aula, eles têm uma maior compreensão de como o jornalismo funciona, principalmente, por já lidar, na prática, com questões como ética, o valor notícia dos acontecimentos, dentre outros. Desta forma, os estudantes conseguem compreender o fazer rádio, exemplificando a afirmação do professor Rizzini ainda em 1953. “Ninguém aprende a fazer reportagem ou entrevista fora do caso concreto, por devaneio ou imaginação” (RIZZINI, 1953, p.52).

É possível notar esta importância e impacto positivo também pela colocação no mercado de trabalho, conforme os professores entrevistados relataram, que os alunos envolvidos no produto laboratorial conseguem após formados. Esses profissionais que participaram do rádio-laboratório consideram que esta participação foi essencial para entrarem neste mercado. Esta conclusão encontra apoio no pensamento do professor Melo, “a ênfase dada aos órgãos laboratoriais visa preparar melhor o estudante para enfrentar a prática nas redações” (MELO *apud*

LOPES, 1989, p.23).

Os resultados evidenciam também a diferença qualitativa do estágio para o produto laboratorial. As duas atividades contribuem para a formação dos estudantes, mas de formas diferentes. O aluno tem mais liberdade para produzir e consegue participar de todas as fases de produção da notícia no produto laboratorial, diferente do que normalmente acontece nos estágios. Além disso, ter um professor orientando e ensinando enquanto se pratica o que foi visto em sala de aula faz com que o estudante tenha um *feedback* constante e, com isso, aprimore sua formação.

Sobre a veiculação do produto laboratorial, foi concluído que a rádio universitária difere do rádio-laboratório, porém, é possível que de forma harmônica o produto laboratorial seja veiculado na emissora da instituição de ensino, diferente do que havia sido pensado na fundamentação teórica do estudo. Antes da pesquisa empírica, entendia-se que, pelo produto laboratorial ser veiculado pela rádio universitária, teria intervenção direta da direção da emissora na produção que os estudantes faziam, o que acabou não se comprovando.

Porém, esta relação entre o órgão laboratorial e a rádio universitária acaba sendo dialética. O aluno pode se sentir, raramente, podado em produzir algumas matérias sendo que, de outro lado, tem-se um público da emissora, tornando a experiência real, e o próprio aprendizado de lidar com linhas editoriais rígidas quando for um trabalhador. Portanto, o órgão laboratorial ser veiculado por uma rádio universitária tem mais vantagens do que desvantagens, proporcionando uma aprendizagem completa ao estudante.

A diferenciação das instituições de ensino que tem produtos laboratoriais para as que não têm mostra que o rádio-laboratório é importante e causa um impacto positivo na formação dos estudantes de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

COSTA, T. P. et al. **Jornal da Metodista**. Trabalho apresentado no XVI Prêmio de Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, Rio de Janeiro, 2009.

DIAS, S. G. . **Outrolhar sobre o ensino de jornalismo: Uma análise da importância do jornal laboratório para a formação profissional**. Trabalho de Graduação (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) - Departamento de Artes e Humanidades, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2011.

FÁVERO, M. L. A. . **A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968**. Educar em Revista, v. 1, p. 17-36, 2006.

FAXINA, Elson et al. **Rede Teia de Jornalismo: Práticas Laboratoriais de uma Rede de Comunicação Acadêmica**. Disponível em: <<http://www.fnpij.org.br/soac/ocs/viewabstract.php?id=104&cf=5>>. Acesso em: 28 maio 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HISTÓRICO da Universitária FM. Disponível em: <<http://www.radiouniversitariafm.com.br/radio/258-historico>>. Acesso em: 08 nov/2013.

INSTITUCIONAL sobre a Rádio Universitária Cesumar. Disponível em: <<http://www.radiocesumar.com.br/radio.php>>. Acesso em: 12 de jul. 2013

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor.** São Paulo: Summus, 1989.

MARANINI, Nicolau. **Rádio e Televisão-Laboratório: Uma Nova fase no ensino da Comunicação.** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/3a24779d302d1f165d93101b34c8c6e3.pdf>>. Acesso em: 15 Jul/2013.

MARTINS, R. B. F. . **O jornal-laboratório como exercício da prática e teoria na formação superior em Jornalismo.** Revista de Ciências Humanas, v. 12, p. 84-94, 2012.

MEC/CFE. *Documenta*, Brasília, n.198, p.44-45, maio 1977.

MEC/CFE. *Documenta*, Brasília, n.278, p.209-211, fev.1984

MEC, Resolução CNE/CES 1/2013. Disponível em: <http://www.ilape.edu.br/legislacao/cne/doc_download/610-resolucao-n-1-2013-institui-as-diretrizes-curriculares-nacionais-para-o-curso-de-graduacao-em-jornalismo-bacharelado>. Acesso em: 12 de Nov/2013

MELO, José Marques de. **Contribuições para uma pedagogia da comunicação.** São Paulo: Paulinas, 1974.

MELO, José Marques de. **Por uma política pedagógica para os órgãos laboratoriais dos cursos de Jornalismo,** In: Comunicação: Teoria e Política, São Paulo, Summus, 1985, p.128-139

MELO, José Marques de. **Laboratórios de jornalismo: conceitos e preconceitos,** In: Comunicação: Teoria e Política, São Paulo, Summus, 1985, p.128-139.

MELO, José Marques de. **Comunicação e Modernidade: o ensino e a pesquisa**

nas escolas de comunicação. São Paulo: Loyola, 1991.

MELO, José Marques de. **A Batalha da Comunicação.** Sorocaba: Provocare e EDUNISO, 2008.

MOURA, Cláudia Peixoto de. **O curso de Comunicação Social no Brasil: dos currículos mínimos às novas diretrizes curriculares.** – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PAVAN, Ricardo et al. **Jornal das Seis: Uma Experiência de Ensino no Espaço Laboratorial.** Trabalho apresentado no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, 2012.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Tópicos sobre o ensino de comunicação no Brasil.** [s.d.]. Disponível em <http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/topicos_sobre_o_ensino_de_comunicacao_no_brasil.pdf> Acesso em: 27 jul. 2013

POMAR, Pedro. **Novo currículo do curso de jornalismo escamoteia poder do oligopólio.** Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=22067> Acesso em: 12 jun. 2013.

RIZZINI, Carlos. **O ensino do jornalismo.** Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1953.

SPENTHOF, Edson Luiz. **A importância das rádios e TVs universitárias como laboratórios.** *Comun. Inf.*, v.1, n.1, p.156, jan/jun 1998

SPENTHOF, Edson Luiz. **A experiência laboratorial na Rádio Universitária da UFG e o debate sobre o aperfeiçoamento pedagógico dos cursos de jornalismo.** In: 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, 2005, Maceió-AL. www.fnpj.org.br/Grupos de Trabalho/GT Produção Laboratorial - eletrônicos, 2005.

SPENTHOF, Edson Luiz. **O ensino de rádio com rádio: pressupostos para o ensino de radiojornalismo**. In: Pauta Geral: Revista de Jornalismo. Ano XII, Vol. 7 (Nov/2005), p. 52-80. Florianópolis: Ed. Calandra, 2005.

SPENTHOF, Edson Luiz. **Aprender fazendo e fazer pensando**, In: FERRAZ DE MAIA, Juarez (Org.). Jornalismo UFG. Goiânia: Funape/Facomb, 2010, p. 93-101.

VELHO, Ana Paula M. **Rádio Cesumar: espaço laboratorial para o rádio jornalismo**. [s.d.]. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-velho-pojecto.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2013

WITIUK, Luiz. **RÁDIO TEIA - uma experiência de radiojornalismo**. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=500&cf=18>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

ANEXO I
E-MAILS SOBRE PROGRAMAS DO RÁDIO-LABORATÓRIO DA UFG
(2 documentos)

Documento 1

E-mail do atual coordenador do curso de jornalismo da Universidade Federal de Goiás, Edson Luiz Spenthof, sobre os atuais programas de rádio veiculados no rádio-laboratório, recebido no dia 03 de junho de 2013.

“Olá: aqui na UFG temos amplo espaço laboratorial na Rádio Universitária. Fui o coordenador dessas atividades de 1996 até fevereiro deste ano. Atualmente, sou o coordenador do curso. Meu nome é Edson Luiz Spenthof.

Nossa estrutura de Rádio está assim dividida no curso:

Duas disciplinas de caráter teórico-técnico: Produção Radiofônica (introdutória) e Radiojornalismo (específica do jornalismo de rádio);

Cinco disciplinas/programas de caráter técnico-prático, cada uma responsável pelo programa na emissora de mesmo nome: Laboratório Orientado Programa Radiofônico Panorama (responsável pelo programa diário de cultura denominado Panorama, veiculado de segunda a sexta, das 17h00 às 18h00); L.O.P.R. Jornal das Seis (responsável pelo Jornal das Seis, veiculado de segunda a sexta, das 18h às 18h30); L.O.P.R. Fanático Esporte Clube (responsável pelo Fanático Esporte Clube, programa de esportes veiculado de segunda a sexta, das 18h30 às 19h00), L.O.P.R. (responsável pela radiorrevista semanal veiculada aos sábados, das 14h00 às 16h00) e L.O.P.R. Doutores da Bola (responsável pelo projeto Doutores da Bola, que consiste na transmissão, ao vivo, de jogos dos campeonatos goiano e brasileiros de futebol profissional e, vez ou outra, de outros esportes).

Além disso, a estrutura laboratorial de rádio realiza coberturas jornalísticas especiais, como as eleições municipais e estaduais/nacionais, ao vivo, das 7h da manhã às 21h do dia da eleição, além de cobertura especial (às vezes com debates) antes das eleições; cobertura in loco do Festival de Cinema e Vídeo Ambiental da cidade histórica de Goiás e outras.

Bem, estou à sua disposição para mais informações. No momento, a coordenação das atividades está a cargo do professor Ricardo Pavan.

Att.,

Prof. Edson Spenthof “.

Documento 2

Segundo e-mail, no mesmo dia, com dois minutos de diferença, corrigindo uma informação.

“Giovanna: a informação sobre a radiorrevista ficou incompleta: trata-se do programa Matéria-Prima e a disciplina responsável é o Laboratório Orientado de mesmo nome.

Edson”

ANEXO II
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA TELEFÔNICA COM
O PROFESSOR EDSON LUIZ SPENTHOF

Transcrição da entrevista gravada por telefone com o professor Edson Luiz Spenthof no dia 24 de outubro de 2013.

⇒ **Identificação:**

- Nome do professor: Edson Luiz Spenthof
- Universidade: Universidade Federal de Goiás
- O rádio-laboratório da universidade tem algum nome?

Resposta: Na verdade, é uma rádio AM, ela é sintonizada na frequência de 870 AM. Há uma dúvida se ela é a primeira ou a segunda rádio universitária do Brasil, tem documentos aqui e professores que afirmam e garantem que ela é a primeira, por outro lado têm outros que garantem que é a da Federal do Rio Grande do Sul a primeira. Ela é uma rádio normal, tem seu corpo de jornalistas, de radialistas, de locutores, operadores técnicos, e dentro dessa rádio nós temos o nosso espaço laboratorial, do curso de jornalismo. Começou a ser conquistado pelos alunos ainda em 1972, a criação da rádio é de 62, mas ela começou a funcionar efetivamente dois ou três anos depois. A gente poderia conceituar hoje como espaço laboratorial nos anos 80, efetivamente de 1983 e 84 para frente. É um espaço do curso de jornalismo dentro da rádio, a rádio nem sequer foi criada como espaço laboratorial, porque o curso é posterior à rádio. O curso de jornalismo nosso está completando agora 47 anos, ele foi do final dos anos 60 e a rádio foi criada no início dos anos 60, mas depois os alunos foram conquistando espaço dentro da rádio e, com o tempo, o curso assumiu institucionalmente aquilo como um espaço laboratorial.

1- Qual o período você trabalha/trabalhou com rádio-laboratório?

Resposta: A minha experiência dentro da rádio começa como estudante ainda, eu ingressei no curso de jornalismo aqui da Federal em 87, e em 88 já estava na rádio como estudante, depois em 89 e 90 como monitor, fiquei alguns anos fora, depois da graduação, fazendo mestrado inclusive e voltei em 1996 como professor, com alguns programas e projetos com os alunos e em 97 eu passei a ser o coordenador das atividades laboratoriais do curso de jornalismo dentro da rádio. Eu fiquei como coordenador até o início deste ano de 2013, quando eu assumi a coordenação do curso de jornalismo. Eu ainda fiquei fora quatro anos, de 2004 a 2008, que eu estive

de licença para o meu doutorado.

2- O rádio-laboratório consta no projeto pedagógico do curso?

Resposta: Consta de diversas formas, primeiro ele constava como atividades extracurriculares, embora sempre tivesse pelo menos um professor designado para coordenar as atividades e vários outros professores que quisessem desenvolver projetos de sua iniciativa dentro da rádio, mas de 2004 para cá o espaço passou a ser mais institucionalizado ainda porque os principais programas que tínhamos na rádio passaram a ser uma disciplina de caráter laboratório no curso. Nós criamos, na reformulação do currículo de 2003 para 2004, a disciplina aberta chamada laboratório orientado e dentro desta disciplina os vários programas passaram a figurar como disciplinas, hoje são cinco na rádio universitária. Uma chamada laboratório orientado de esportes, que tem desdobramento em *Fanático Esporte Clube* que é um programa diário de esporte das seis e meia às sete da noite de segunda a sexta, com um resumo esportivo do dia e outro desdobramento desta disciplina são os *Doutores da Bola*. É que antes eram duas disciplinas mesmo, o chamado *Doutores da Bola* que era um projeto inicialmente de extensão e virou disciplina, que é principalmente voltada a transmissão ao vivo de jogos de futebol profissional do campeonato goiano, campeonato brasileiro e que envolve times goianos, mas a equipe também já transmitiu finais da Copa do Brasil, final de Copa Libertadores da América, mesmo quando não envolvia clubes goianos. É uma equipe de transmissão de futebol a exemplo de qualquer equipe profissional, com seu narrador, mas todos são estudantes, orientados sempre por professor: o narrador, os comentaristas, os repórteres de campo, o plantão no estúdio da rádio e por aí vai. As outras disciplinas que correspondem a programas efetivos na rádio, veiculados na rádio são: *Panorama*, Laboratório Orientado Programa Radiofônico *Panorama*, quer dizer, o programa se chama *Panorama* e a disciplina tem todo esse nome grande. O *Panorama* é uma revista cultural diária que vai ao ar das 17 às 18hs de segunda a sexta-feira, e tem temas variados da cultura goiana, nacional e internacional. Todo trabalho é feito pelos estudantes e sempre sob supervisão do professor: trilha, pauta, redação, as reportagens, reportagens de rua, locução, direção, direção de estúdio, programação musical, tudo feito na rádio universitária. O outro é o *Jornal das Seis*, ele começa às 18hs, por isso se chama dessa forma, ele

tem duração de meia hora, também de segunda a sexta-feira. É um programa diário ao vivo, com todo noticiário local, nacional e internacional, o principal noticiário, um resumo das notícias do dia com pautas frias, pautas, digamos, “quentes”, tudo feito também pelos estudantes. E ainda aos sábados nós temos o *Matéria Prima* que é uma rádio revista feita de cultura, de informação e de entretenimento, são blocos de debates, intercalados por notícias quentes do dia e intercalados por uma boa programação musical e com alguns blocos de reportagens de profundidade e já teve até blocos de humor, isto varia conforme o tempo. Para se ter uma ideia, o *Matéria Prima* foi criado por mim e um grupo de alunos e em novembro de 96 ele entrou no ar, portanto, agora em novembro ele vai completar 17 anos que está no ar, o *Jornal das Seis* tem quase isso, o *Panorama* tem um ano a menos que o *Matéria Prima* e os “Fanáticos” e os *Doutores da Bola* tem já 11 ou 12 anos também.

2.1- Você considera que o rádio-laboratório estar ou não no PP interfere no produto laboratorial ou nas práticas em relação a ele? Por quê?

Resposta: Interfere sim e não. Porque sim, interfere porque hoje você tem todo um apoio institucional, quando eu comecei e quando eu era estudante, as atividades eram extracurriculares, no sentido de que não eram disciplinas, mas o curso valorizava as atividades como se fossem disciplinas, tanto é que tinham professores designados. Houve época que teve professores substitutos exclusivamente para essa atividade na rádio, o problema que nós tínhamos nessa época é que a administração superior da universidade nem sempre entendia essa necessidade e com frequência faltava professor, depois que institucionalizou em forma de disciplinas, este problema foi resolvido, embora talvez precisássemos mais, mas também talvez precisássemos de mais professores em outras áreas. Então o fato de estar institucionalizado, estar no PPC ajuda muito, porque toda política de qualidade que o curso empreende tem reflexos obviamente também nestas atividades específicas e não no sentido de que a linha editorial dela é baseada num veículo jornalístico qualquer. Então a gente procura dizer assim, nem o curso nem a universidade, nem o reitor, nem ninguém tem o direito de interferir na linha editorial que é voltada, sobretudo, para o direito do cidadão a informação de qualidade e de plural interesse público, mesmo que esta informação seja da universidade e às vezes seja negativa para a imagem da universidade. E tanto isso é verdade que o

foco da pauta não é a universidade, o foco da pauta são os assuntos importantes para a sociedade e para o público, lógico dentro do escopo da linha de cada programa, que vai tratar da cultura ou da notícia ou do esporte. Não é que a gente ignore a enorme quantidade de informações que a universidade pública gera diariamente, mas nós não fazemos assessoria de imprensa para a universidade, para isso a universidade tem todo um órgão montado, a assessoria de comunicação, com seus diversos setores, a parte de imprensa, parte de RP, parte de publicidade e esse é um departamento próprio. Então, a pauta dos alunos não poderia ser diferente, nós temos que ensiná-los a fazer um jornalismo voltado para o cidadão, por isso temos que ter esse espaço e o curso sempre respeitou isso. Então só nesse aspecto é que eu te diria que o curso não influencia no sentido de editar pautas, óbvio que as reflexões de qualidade do espaço laboratorial passam às vezes por uma análise ou podem passar às vezes por uma análise de pauta, mas, sobretudo, nesse sentido, de que se num jornal impresso, no laboratório impresso, se procura zelar pela independência, pela qualidade da informação voltada para o cidadão, então, nesse espaço laboratorial de rádio que é uma emissora que disputa audiência. Aliás, em vários índices de audiência nós estamos, na rádio universitária, na frente da CBN, por exemplo, em vários horários e especialmente nos horários dos nossos programas. Nós costumamos, nos programas dos estudantes, estar na frente na audiência, se é só por causa dos nossos programas ou se é por causa do horário de veiculação ser mais no final da tarde ou no sábado a tarde, ou por causa dos programas de esporte às vezes, não sei, essa análise específica não foi feita.

3- Em qual momento do curso os alunos começam a participar do rádio-laboratório?

A participação do aluno no rádio-laboratório é obrigatória?

Resposta: Não, ela não é obrigatória. Nossa estrutura na área de rádio no curso é assim constituída: nós temos duas disciplinas básicas que são Produção Radiofônica, que é uma disciplina mais introdutória ao rádio, a técnica, a teoria, a linguagem do rádio, os diversos tipos de produto do rádio, essa é pré-requisito. Infelizmente, o nosso registro acadêmico falha às vezes e permite que o aluno se matricule, mas isto está sendo corrigido. O projeto prevê que esta disciplina seja pré-requisito e ela é dada a partir do segundo período do curso, então o aluno no segundo período, no segundo semestre já do curso pode pegar essa disciplina e

depois temos a disciplina de Radiojornalismo, que é específica do jornalismo no rádio, essa passa a ser correquisito, no mínimo, para o aluno ir para a rádio, e é ofertada a partir do terceiro período. É claro que nós temos uma proposta das mais livres do Brasil em termos de matriz curricular, o que às vezes nos dá problema também de administração. Mas é possível que o aluno só pegue estas disciplinas mais do meio para frente do curso, então é só a partir deste momento que ele vai para a rádio. A rádio é ainda nosso maior laboratório e do maior interesse, porque ele é um rádio real, como se os alunos estivessem no mercado, com o ganho a mais de que lá a gente pode parar a produção constantemente, para avaliar o que está fazendo. Por causa deste interesse, os alunos não demoram para ir para rádio, no terceiro período, no máximo, eles já estão na rádio trabalhando, fazendo inicialmente texto de rádio, depois reportagem; eles passam por todas as etapas: redação, reportagem, participam da discussão da pauta, fazem direção de estúdio, fazem locução, fazem edição, monitoria e todas as etapas.

4- Como o rádio-laboratório se relaciona com a disciplina?

Resposta: Deixa eu fazer um link com a resposta anterior que aí você vai entender, então, tem estas duas disciplinas que são pré-requisitos, quando o aluno vai pra rádio, para ir pra rádio, ele se matricula então nestas disciplinas laboratoriais, chamadas Laboratório Orientado Programa Radiofônico Jornal das Seis, por exemplo, para o aluno que quiser fazer, quiser “trabalhar” e estar produzindo num radiojornal diário ele tem o espaço do *Jornal das Seis* ou então ele se matricula numa disciplina laboratório orientado de esportes ou laboratório orientado Panorama, que é o programa de cultura, ou laboratório orientado Matéria Prima que é o programa rádio revistas de sábado, sábados a tarde. Essa é a forma dessas atividades da rádio estarem vinculadas à disciplina. Além disso, tem projetos experimentais na modalidade TCC, nós temos a monografia ou os projetos experimentais que são os produtos. Em produtos, os alunos podem desenvolver programas temporários na rádio, fora esses que são disciplinas que a gente já tem, sob a orientação de um professor. Neste caso, buscasse negociar com a direção da rádio um espaço para isso. A rádio, como eu te disse, é uma emissora tradicional que está no mercado e está no ar 24h por dia, com programação musical, com vários noticiários por dia, com todo o corpo profissional e nós temos o nosso espaço

laboratorial autônomo lá dentro com produção própria, sem participação de profissionais nem nada.

5- Qual a importância do rádio-laboratório para o processo ensino-aprendizagem?

Resposta: É fundamental, sobretudo no nosso caso, quando a rádio foi durante muito tempo o principal veículo real, quer dizer, o aluno estava na rádio participando da coletiva com o governador, coletiva com algum ministro que viesse para cá, com algum candidato a presidência da república ou o Presidente da República e, praticamente, igual à condição como qualquer repórter. Isto tem um valor pedagógico fundamental, o aluno está testando na prática toda a bagagem teórica que já adquiriu e é fundamental porque a gente, e eu fazia isso muito, tem a possibilidade de com frequência parar a produção, e chamar a teoria agora para o centro da nossa mesa e vamos ver o que nós estamos fazendo à luz da teoria ou vice-versa, e ver o que a teoria contribui com a prática e vamos ver o que a teoria tem a ajudar para melhorar algumas coisas. Nós estamos fazendo muito aqui, o que se chama jornalismo declaratório, na teoria ou não, nós estamos fazendo uma cobertura de interesse público ou não, nós estamos fazendo uma cobertura ética ou não, nós estamos fazendo uma agenda setting ou não, coisas assim, e isso tem um retorno para o aluno extremamente importante em termos pedagógicos e também porque isso desperta interesse, isso mantém o gosto do aluno pelo curso pela formação e não distancia o curso da realidade profissional, ao contrário, aproxima o aluno da realidade profissional de uma forma crítica, de uma forma que ele possa estar constantemente avaliando o que está fazendo. Com frequência o aluno chega e diz assim: “nossa eu vi o profissional tal, bambambam, cometendo uma bobagem tão grande hoje”. Ou, por outro lado, ele chega assim: “nossa, hoje eu aprendi muito, fulano fez umas perguntas tão inteligentes para uma autoridade”. Tudo isso é um retorno, eu diria, imprescindível para o curso, por isso que eu sou daqueles que não concordam que um curso de jornalismo tem que ser absolutamente teórico, porque dizem que a prática se aprende em poucos meses, não é verdade. A prática não se aprende em poucos meses, a prática tem que ser treinada e não é por acaso que se costuma dizer que um jornalista está pronto com dez anos de profissão, que aí que ele entendeu e tem o domínio absoluto da sua profissão; muitos dizem isto, pelo menos, e eu concordo. Por outro lado, eu não acho que um curso se sustente só

com a parte prática, o equilíbrio é extremamente necessário aqui, uma não vive sem a outra, até porque a gente não executa bem nenhuma atividade prática sem um mínimo de reflexão, sem um mínimo de padrão ou de pensar estas rotinas e de planejar estas rotinas, de pensar a funcionalidade delas, a utilidade delas; no caso do jornalismo que se relaciona com a população, pensar o impacto que isso tem na população. Eu diria que este tipo de atividade é fundamental, e ela pode se dar no impresso, na TV, se dá na web, pode se dar em outros espaços, de preferência todos eles sendo oferecidos para estudantes de jornalismo, mas eles são fundamentais com estas características, eu creio.

6- Quais os reflexos do rádio-laboratório dentro da sala de aula? Há mudança em como os alunos se envolvem com a disciplina? Dê exemplos.

Resposta: Há, os professores costumam dizer que os alunos que já estão na rádio universitária tem outra compreensão, uma compreensão já bem mais apurada, o texto já vem mais apurado do que a média, tem um interesse pela profissão e pela atividade jornalística já bem mais desenvolvida. Temos também um efeito colateral negativo, felizmente ele é, em termos percentuais, bem pequeno: que é daquele aluno que gosta tanto desta atividade prática laboratorial que não dá mais importância para a teoria, ele acha que a teoria é desnecessária é supérflua. Este é um efeito colateral sim e que a gente tem que estar atento constantemente e combatê-lo. A gente costuma dizer que tudo é importante, alguns alunos que dizem que o curso é importante por este espaço que nós temos aqui na rádio, e aí a gente insiste em dizer que não é por isso, que o produto laboratorial é uma parte do todo, se você der importância só para atividade prática aqui na rádio, lá no mercado de trabalho um dia você vai sentir falta da teoria.

7- O rádio laboratório consegue agregar e contribuir no formação teórica e prática dos estudantes?

Resposta: Consegue. Na prática de forma muito direta, porque o aluno está produzindo constantemente, diariamente, ele produz, às vezes, uma reportagem boa por dia, às vezes agrega a isso mais umas notas de redação, mais entrevistas, quer dizer, o reflexo da parte prática é direto e da parte teórica também e isso é muito importante. A gente costuma forçar isso um pouco, porque ele passa a pensar na

teoria do jornalismo, então na teoria do jornalismo eu vi isso, vi aquele outro, e aqui na prática, isso não se aplica, mas se não se aplica, se aplica parcialmente, há uma relação e os alunos levam isso muito para discussão dentro da sala de aula nas disciplinas teóricas. Há um debate muito mais rico, muitas vezes com a participação destes alunos que estão na rádio universitária, dentro das disciplinas teóricas.

7.1 - Alguma destas duas esferas (teoria e prática) se sobrepõe à outra no produto laboratorial?

Resposta: No produto laboratorial eu creio que a prática se sobrepõe, é o momento da prática, nós não podemos esquecer isso. É o momento da prática, ele foi criado como o momento da prática, não há subterfúgio aí, porém a teoria não está nunca ausente, mesmo quando o aluno não percebe, a teoria está diretamente presente. Quando, por exemplo, o aluno chega pela primeira vez na rádio e a gente fala que a gente estrutura a notícia desta forma, a nota é assim assado, a entrevista e ping-pong é assim, ele remete à disciplina que ele já fez ou que está fazendo, ou então há uma teoria do jornalismo que, no nosso caso, é oferecida logo no início, ele faz esta associação imediatamente, ele lembra disso, sem falar que a gente força essa associação no dia-a-dia, nas reportagens, nas orientações de cada texto que a gente revisa. Nós, professores que estamos lá dentro, ou nas reuniões de avaliações que a gente faz, nós fazemos avaliações diárias, nos programas diários a gente faz avaliação rápida, porque os alunos já passaram a tarde inteira produzindo, aí eles precisam também ir embora para estudar ou descansar, mas com frequência paramos para fazer avaliação de tarde inteira, ou no programa de final de semana há uma avaliação, porque o programa é semanal, há uma avaliação semanal mais demorada já com reunião de pauta para o programa seguinte e estes são momentos ricos para a gente sempre trazer a teoria para iluminar a prática que a gente faz. Mas respondendo bem direta e objetivamente a sua pergunta, naquele momento, naquela disciplina, se sobrepõe a parte prática, e esse momento foi planejado para isto, como o momento da teoria da disciplina teórica foi e é planejado para sobreposição da teoria sobre a prática, mas a teoria sem trazer a prática para dentro também ela se torna uma teoria vazia, também precisa da prática, mas nas disciplina teórica se sobrepõe a teoria, nas disciplinas laboratoriais praticas se sobrepõe a

prática, só que as duas são vazias e fracas, se uma não puxar a outra para dentro de si também.

8- Qual o impacto que o rádio-laboratório tem na vida acadêmica dos alunos?

Resposta: Sobretudo o gosto pelo curso, isso tem uma parte lúdica também, a parte do aluno gostar e de quase se divertir fazendo também, porque nós temos infelizmente uma tradição que vem do ensino médio, de pouca teoria ou de não gostarem da teoria, então, é o gosto pelo curso. O estudante às vezes permanece mais no curso, tem gente que diz: "olha eu não estava gostando, aí quando eu vim para a rádio passei a gostar e agora vou até o fim". Quer dizer, muitos desistem de uma mudança de curso por causa das atividades nossas na rádio, a formação fica muito mais rica, muito mais completa. Se eles passarem por todas as etapas que a gente oferece para eles, embora nem todas elas sejam obrigatórias, o aluno sai um profissional completo, já tendo feito reportagens, locução, direção de estúdio, edição, tendo dirigido às vezes programa completo. Ele sabe fazer tudo isso, precisa aprofundar, daquilo entrar no sangue, na veia dele, mas fazer aquilo ele sabe e sabe muito bem. Não é por acaso que a maioria dos nossos alunos sai empregado, os da rádio saem empregados para televisão e para o impresso às vezes, apesar das linguagens do suporte serem diferentes. Então este é o impacto, impacto extremamente positivo, até mesmo já na orientação profissional do aluno.

9- Quantas horas de programação por semana o rádio laboratório tem?

Resposta: Então, a soma disso às vezes me escapa, mas acho que são 22 horas. Nós temos diariamente das 5 da tarde as 7 da noite, são 2hs vezes 5 na semana dá 10hs, mais 2hs de sábado a tarde do Matéria Prima dá 12, eu acho que dá umas 8 horas de transmissão de jogos de futebol por semana, então dá de 20 a 22hs semanais.

9.1- Quantas horas os alunos utilizam para produzir o material que será veiculado?

OK

Resposta: Varia de programa para programa, mas eles entram geralmente às duas da tarde e saem às sete da noite, então durante a semana são 25hs de produção, mas acho que nós chegamos até 40hs ou até próximo 50hs de produções semanais.

É sempre com professores orientando, professores dentro da rádio universitária orientando, analisando texto, discutindo pauta, discutindo enfoque, discutindo entrevista, como se fossem mesmo editores chefe ou chefes de reportagens. Aliás, deixa eu só fazer um comentário sobre isso, às vezes há uma polemica se o professor deve ou não fazer isso. Eu já escrevi artigos publicados por aí, um deles está no site do Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo em que eu discuto essa função de professor e chefe de reportagem, eu defendo que a grande vantagem pedagógica é termos um professor como chefe de reportagem ou como editor dentro da rádio porque ele empresta toda a sua experiência para ajudar a desenvolver a programação, ele participa da pauta, discute a pauta, lê textos, revisa textos, ajuda fechar o programa, angulação, tudo, avalia o programa depois, quer dizer, esse é o diferencial, sem isso talvez se tornasse uma rádio como outra, os alunos até aprenderiam, mas aprenderiam todos os vícios do mercado.

10- Quais são os tipos de programa que o aluno produz para o rádio laboratório?

Por exemplo, rádio jornal, programa de entrevista, programa de cultura, revista.

Resposta: O Programa Panorama entra no ar das 17hs às 18hs, programa rádio revista cultural diária; o Jornal das Seis, que é radiojornal com notícias locais, nacionais e internacionais, um resumo dos principais fatos do dia - durante um tempo a gente até teve este slogan, hoje o slogan é outro, jornalismo público de qualidade, um negócio assim - das 18hs às 18:30hs; depois, das 18:30hs às 19hs, tem o Fanático Esporte Clube que é um resumo esportivo do dia, com notícias, entrevistas, flashes ao vivo dos centros de treinamento dos clubes; o Doutores da Bola, que é um desdobramento desta disciplina de esporte, que é transmissões ao vivo de jogos, ele é pra isto, é destinado a isto, transmissões ao vivo de eventos esportivos, sobretudo os jogos de futebol profissional dos times goianos, do campeonato goiano e dos times goianos nos campeonatos nacionais. O programa aos sábados que é o Matéria Prima, que é uma radiorevista de notícias, entrevistas, debates, programação musical, cultura e tudo, é uma radiorevista mesmo, de variedades, cultura e entretenimento.

11- Qual é o feedback que você tem dos alunos sobre o rádio-laboratório?

Resposta: O feedback é extremamente positivo, tanto em termos de entusiasmo deles, e é curioso como muitos deles se mostram extremamente mais responsáveis na rádio de que com as demais disciplinas, até porque como você tem público real, o público vai ter um comportamento como tem nas outras emissoras, ele liga para a rádio para elogiar, para criticar, para sugerir, e o aluno sabe que o que ele produz está no ar. Claro que uma ou outra coisa o professor tem que barrar ainda, às vezes o aluno está no início ainda, em geral vai para o ar, apesar de ter que ser melhorado, indo para o ar terá uma cobrança muito grande do público e ele terá uma responsabilidade muito maior. Então o aluno é extremamente entusiasmado com a rádio, com eu disse, alguns pensavam até em desistir do curso, mas quando foram para a rádio mudaram de ideia, e, muitos deles, tinham uma postura relapsa em relação ao curso e passaram a ter uma postura muito mais responsável com relação ao resto do curso também. Eles passaram a valorizar nosso curso, nossa faculdade como uma boa faculdade, como um bom curso, correspondente inclusive a nota que nós temos no Enade que é um conceito 4, estamos caminhando rumo para o conceito máximo que é o conceito 5. Nossos profissionais, em boa parte por causa da rádio universitária e eles sabem disso, estão muito bem colocados no mercado nacional inclusive, não só no mercado goiano, em Brasília nós temos jornalistas, em São Paulo, editores nas principais áreas formados aqui, no Estadão e em outros veículos. Então os estudantes veem isso, em Brasília na sucursal do Globo, na sucursal da Folha, eles veem isso e com frequência vão visitar. Outro dia, veio um aluno e ele me disse: “Professor, eu estive lá em Brasília com um repórter fulano de tal que já ganhou muitos prêmios nacionais e ele disse que tudo que ele apreendeu se deve a você e a rádio universitária”. Esta é uma percepção e aqui não falo isto para fazer um auto-elogio, mas o importante foi o espaço criado na rádio é isto que permitiu a ele ter esta possibilidade às vezes. Este é o feedback que a gente tem muitas vezes, fora os prêmios que os próprios alunos ganham de reportagens e de outras coisas.

12- Você vê diferenças na formação dos alunos com o rádio-laboratório? Dê exemplos.

Resposta: Sim, vejo bastante diferença. Por exemplo, o texto, o texto melhora bem, a concisão também, o jornalista não pode ser prolixo, ele tem que fazer textos em

curto espaço de tempo. Esse domínio do tempo também tem que fazer uma boa produção num curto espaço de tempo, ele entra às duas da tarde e às cinco e meia quando é o deadline para o jornal, por exemplo, que vai ao ar logo na sequência, ele tem que estar com seu material pronto, sua reportagem pronta, seus textos de redação prontos, notas prontas, a entrevista pronta. Isso são exemplos, a desenvoltura também é um exemplo, os alunos às vezes começam com a locução bastante travada e a gente faz questão de explicar que este é um programa laboratorial feitos por alunos da faculdade sob a orientação do professor tal, para que o público também entenda que ali é um espaço laboratorial. Às vezes a gente tem um aluno um pouco inexperiente ainda na locução, embora a gente faça treinamento de locução antes de ir para o ar, mas no treinamento ele pode estar já bom, mas na hora de fazer a locução no ar ele fica um pouco nervoso, ele erra, ele trava, gagueja e um monte de coisa, mas a evolução que a gente tem, na locução, na desenvoltura, na capacidade de entrevistas, na capacidade de improviso, no domínio dos acontecimentos para fazer uma boa entrevista, ou às vezes corrigir uma nota no ar que tem erro de informação ou alguma coisa, tudo isso são exemplos muito claros. A compreensão total do jornalismo, da máquina do jornalismo, das organizações jornalísticas, dos interesses ideológicos e políticos que ocorrem, quando ele vai para uma cobertura, por exemplo, e que estão vários repórteres para uma coletiva e faz a comparação no dia seguinte e vê como teve interferência do dono da emissora ou do veículo, do comercial e distorceu o assunto e traz para ele uma grande compreensão de como se deve fazer ou não se deve fazer. São alguns exemplos de como é importante esse espaço laboratorial e uma coisa também que é fundamental, a compreensão da dimensão ética da profissão, esse espaço na rádio permite isso demais. Eu sou professor de ética jornalística também, eu consegui ver isto muito bem como o aluno progride, por exemplo, quando o aluno tenta buscar por tudo outro lado de um fato ou buscar mais versões sobre um fato e não consegue, na rádio nós insistimos: “Olha, para você dizer que procurou o fulano e o fulano não foi encontrado, você não pode ter procurado ele por meia hora apenas, você tem que ter procurado a tarde inteira pelo menos para poder dizer isto”. E, se ainda assim, a gente chegar à conclusão que o fato é tão sério que precisa desta outra versão, ele não vai pro ar mesmo que seja furado por outras emissoras, essa compreensão o rádio-laboratório permite demais, esse é um ganho extraordinário.

Mais um exemplo, outro dia um aluno estava envolvido pessoalmente numa polêmica grande dentro da universidade, porque ele é ativista político, e ele era locutor de um programa e quis usar o espaço e quis por que quis, para dar a versão dele dos fatos, e nós insistimos com ele, falei assim: “Como você está envolvido, você não pode fazer essa matéria, isso é eticamente condenável, você não pode fazer, nós vamos pautar o assunto para outro repórter vai fazer e você será uma das fontes”. Há muito custo, esse aluno compreendeu que ele não podia fazer da rádio universitária um palanque para seu interesse pessoal, tenho certeza que este aluno vai ter outro tipo de postura no mercado profissional, que na hora ele ficou brigado com a gente, mas passado um tempo ele disse: “Ainda bem que vocês fizeram isto, pois vocês estavam absolutamente certos”.

⇒ **Comparação com e sem o produto laboratorial**

13- Como os alunos que participaram do rádio-laboratório estão posicionados no mercado de trabalho?

Resposta: Estão muito bem posicionados, volta e meia, inclusive, editores ligam para mim e dizem: “olha, eu ouvi fulano de tal numa reportagem assim assado e gostei muito dele eu gostaria de contratá-lo”. Bom, em primeiro lugar, a gente gostaria que você espere ele se formar, agora se te interessar como estagiário, espera ele terminar o quinto período que aí você vai poder tê-lo como estagiário, porque é o que prevê o nosso programa e aí a gente vai administrando esses interesses. Mas é só para ilustrar que a rádio é ouvida, às vezes ela incomoda, como em época de eleição, embora a gente não dispute verba comercial com essas emissoras comerciais, mas elas se incomodam nas épocas de eleições, por exemplo, nós subimos muito na audiência, porque temos a tradição de fazer uma ótima cobertura.

14- Qual a diferença do aluno fazer estágio numa rádio e participar do rádio-laboratório?

Resposta: Foi fundamental esta pergunta, eu faço a diferenciação em alguns artigos, estágio é a vivência profissional antecipada, podemos dizer assim, num ambiente genuinamente profissional; atividade laboratorial nós fazemos a questão de conceituar, pelo menos para nosso uso o que nós entendemos como atividade laboratorial, é a atividade de caráter acadêmico. Embora o estágio também seja de

caráter acadêmico, mas a atividade laboratorial desenvolvida em ambiente genuinamente acadêmico, então desenvolvida em ambiente genuinamente acadêmico quer dizer, com o professor ali presente, embora o profissional possa estar ali presente, mas quem comanda é o professor baseado nos processos pedagógicos. É o professor orientador e na atividade laboratorial que procura desenvolver todas as funções jornalísticas, pelos menos as atinentes aquele veículo, funções de rádio, de TV ou de impresso. Já o estágio, o estágio é desenvolvido então em num ambiente genuinamente profissional com vistas a que o aluno entenda este mundo profissional, já se relacione com ele e talvez até possa já sair dali com algum emprego no futuro, com supervisão de um profissional, embora na academia você tenha professor coordenador de estágio que tenha que estar em constante contato com esse supervisor profissional. O estágio tem outro tipo de normas que se prendem a essa situação específica do aluno estar no ambiente profissional, então tem normas assim relacionadas preocupadas com o não aviltamento do mercado de trabalho, contratação de seguro e de uma série de outras normas. Além disso, no estágio, a universidade não pode exigir, embora possa recomendar, que o aluno passe por todas as etapas de produção, não pode porque seria interferir na rotina da empresa, e, em geral, no estágio o aluno apreende muito menos funções do que na nossa estrutura, pelo menos na nossa, do jeito que a gente tem na rádio universitária, o aluno passa por todas as funções. No estágio em TV ou rádio, a maior parte faz produção de pautas, muitas vezes ele não faz reportagens de rua, às vezes até faz reportagem de rua, quando faz, ele tem que estar acompanhado por um profissional, ou pelo menos no início ser orientado por um profissional, a cobrança é aquela cobrança mercadológica, é produtividade, às vezes em detrimento da qualidade. No espaço laboratorial a gente tem que ter um programa diário no ar, nós temos esse compromisso com o público, mas se nós não tivermos um produto de qualidade, nós podemos até entrar no ar e pedir desculpas para o público dizendo que hoje o jornal está mais curto e excepcionalmente o ouvinte acompanha uma boa programação musical. Isto é feito para zelar, melhor não colocar uma matéria que está ruim, do que preencher o espaço apenas por preencher o espaço, são algumas das diferenças entre estágio e produto laboratorial. A outra diferença é no espaço laboratorial o olho em relação à profissão e à atividade jornalística é sempre um olho clínico, um olho crítico e no espaço do

estágio ele está submetido muitas vezes às regras do mercado, temos bons espaços de estágio em que isso não ocorre, mas em muitos não e a regra é vender notícia. Não é por isso que se deva condenar o estágio, não, isso também é uma forma de aprender e aprender a lógica do mercado.

15- Qual é o feedback do público em relação aos programas do rádio-laboratório?

Resposta: Nós temos um feedback interessante, o público liga, o público manda email, o público às vezes participa, manda resposta nas redes sociais, pelo facebook, pelo MSN, pelo twitter, então há um feedback. Volta e meia a gente tem um retorno, uma reclamação, um elogio, alguma coisa assim e fora que, nos últimos tempos, tem crescido o interesse dos alunos em transformar a rádio num objeto de estudo, estudo de monografia ou uma coisa assim e eles acabam fazendo um estudo sobre a percepção do público da rádio sobre os produtos. Nosso trabalho é extremamente interessante, às vezes a gente espera até um retorno maior, mas a gente compreende que nem todo mundo gosta de ligar, eu mesmo raramente ligo para uma rádio para dar a minha opinião ou reclamar, não quer dizer que o público não esteja ouvindo.

16- Você já trabalhou em outra instituição de ensino que não tivesse rádio-laboratório? Se sim, tem diferença do aluno da instituição de ensino que tem esse produto laboratorial para o que estuda na que não tem? Em 58:40 OK

Resposta: Não, a minha única instituição de ensino é a UFG, eu me graduei lá, depois voltei e estou lá desde 96.

17-Você já trabalhou em outra instituição de ensino que tivesse um projeto de rádio-laboratório? Há diferenças para o que você trabalha atualmente? Se sim: quais?

⇒ **Formas de veiculação do produto laboratorial**

18-Entendendo a rádio universitária como emissora institucional da universidade, com equipe de jornalistas próprios, estagiários e com programação definida, a instituição de ensino que você atua tem uma emissora de rádio universitária? Se sim, responda as questões de 19 a 22. Do contrário, responda as questões 23 e 24.

Resposta: Sim, a rádio universitária é a rádio da Universidade Federal de Goiás. Acho que cabe esclarecer aqui o seguinte: ela não é vinculada ao curso, nem a faculdade a qual o curso pertence. Para entender, nós temos a faculdade de informação e comunicação, que tem 5 cursos: Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Biblioteconomia e Gestão da Informação, o único no momento que tem atividades na rádio mas não precisaria ser, isso depende de cada curso, é o Curso de Jornalismo. Então a rádio não é um órgão nem da faculdade e nem do nosso curso ele é da Universidade, é considerado um órgão suplementar da universidade vinculada diretamente ao Gabinete do Reitor, a rádio tem direção própria, tem um diretor, tem um diretor de jornalismo, tem um diretor de produção, tem um diretor da área técnica e um vice diretor, tem um corpo de profissionais que gira em torno de 36 mais ou menos hoje, considerando todas estas áreas, área técnica que engloba a manutenção do transmissor que fica em outra parte da cidade, numa parte mais alta, os operadores de áudio, seja no estúdio ao vivo seja no estúdio de gravação e o suporte técnico que é de conserto de equipamentos e de funcionamento e tudo mais. O setor de produção, chamado de produção, meio redundante o termo, mas é o que cuida mais da programação musical e de produções não-jornalísticas, o Departamento de Jornalismo então cuida só da área de Jornalismo e a Administração que tem a Direção, tem a Secretaria e tudo mais e nós estamos como o espaço laboratorial autônomo muitas vezes fazendo coberturas em conjunto com os profissionais e outras vezes não, fazendo os nossos programas no estrito espaço pedagógico dentro da rádio. Isso já foi motivo de conflito muitas vezes, justamente porque nós não temos a rádio como um órgão do curso, ela não é inteiramente um órgão laboratorial, ela é uma rádio da universidade e que não faz cobertura só da universidade, faz cobertura da cidade e do mundo inteiro, e tem programas específicos institucionais da universidade, como o UFG produz em que se procura veicular as produções científicas e teóricas da universidade de forma bastante objetiva, mas acaba sendo algo institucional. No jornalismo não, no jornalismo você tem toda uma independência para tratar tanto dos assuntos da universidade como fora, assim como nos nossos programas laboratoriais também.

19- O rádio-laboratório é veiculado pela rádio universitária da instituição ou de forma autônoma da emissora da Universidade? Se não, pule para a questão 22.

Resposta: O espaço dentro da rádio universitária é autônomo, claro que inserido na linha editorial geral da rádio, a gente não procura contrariar e procura ensinar os alunos que todo veículo tem uma linha editorial e você não pode contrariar, mas tem uma autonomia bastante grande de até às vezes interpretar um pouco essa linha editorial e às vezes fazer uma adequação.

20- Os alunos têm problemas com a linha editorial da rádio universitária, ou nem a percebem? Como essa relação se dá? Em 1:03:22. OK

Resposta: Não, eles não têm problema em geral, porque a linha editorial está muito de acordo com o que a gente procura ensinar em todas as disciplinas do curso, o foco no direito do cidadão, à informação de qualidade, o respeito ao público e tudo mais. Uma coisa que eu fiz quando assumi a coordenação do curso e isso virou uma cultura dentro do nosso espaço laboratorial é a seguinte - por não ter isso nós tivemos um hiato em que nós não estivemos dentro da rádio com estudantes uns 3 ou 4 anos, de 90 a 96, quando entrei de volta como professor, porque os professores e estudantes abandonavam a rádio nas férias escolares- eu comecei a fazer uma reflexão com os alunos, isso criava um problema administrativo, um problema estrutural diário sério para emissora que durante 8 meses tinha um espaço na grade de programação ocupado pela gente e chegava nas férias e, sem ser comunicada a direção da rádio, era abandonado. Quando eu retomei falei assim: "Escuta, nós não dizemos que o jornalismo tem que ter compromisso público, com justamente com seu público e tudo o mais e que o cidadão tem direito a informação 365 dias no ano, etc, etc, então porque que a gente abandona o programa nas férias escolares? Quer dizer que nas férias escolares nós não somos mais jornalistas ou futuros jornalistas, o cidadão não tem mais direito nenhum e só nós é que temos direito de passear de fazer festa e tudo mais?". Então a partir de agora o aluno vai ter férias como um profissional tem, férias de 30 dias, vai visitar sua família, quem mora longe, para descansar e para tudo mais, nós vamos fazer escalas de trabalho, mas o programa jamais vai sair do ar, esse é o compromisso público que nós vamos manter com o nosso público com o perdão da redundância, isso é ter compromisso com o cidadão também, é nesse momento que quantidade significa qualidade, ou

seja, ter diariamente um mínimo de informações também é sinônimo de qualidade, porque o cidadão que é acostumado a ligar na rádio universitária tem o direito de receber isto, estas informações.

Eles percebem a linha editorial porque ela está toda vinculada ao que se ensina em todas as disciplinas do curso, como deve ser o comportamento correto do profissional jornalista, o foco no direito do cidadão, a informação de caráter público, ou seja, informações relevantes bem apuradas, plurais. Dentro deste conceito de pluralidade, a gente faz a seguinte interpretação: existe uma grande maioria da sociedade excluída de alguma forma das informações, quer seja porque a pauta dos veículos comerciais não contempla, quer seja porque às vezes o acesso não contempla, ou alguma coisa assim, então nós vamos ter um certo privilégio nas informações para este público; o que não quer dizer que nós não devamos tratar da política, porque a política é de interesse deste povo ou da economia porque não é de interesse deste público. Nós vamos traduzir a política e a economia de uma forma mais clara e nós vamos aproximar as pautas com o que possa ser mais próximo desse público para que ele compreenda.

Não existe veto de assunto, mas existe uma maneira de focar este assunto e os alunos percebem inclusive porque a cada início de semestre há reuniões de recepção destes alunos em cada um dos programas que a gente faz e há então todo um debate sobre a linha editorial, ela é apresentada, ela é discutida e debatida e, durante o semestre, várias vezes a gente faz uma rediscussão, às vezes os alunos propõe um acréscimo ou uma supressão de alguma coisa, então eles entendem e praticam essa linha editorial.

21- Você considera que o conteúdo produzido é modificado pela emissora da Universidade, levando em conta a política editorial da emissora? Explique.

Resposta: Não há, já houve tentativa sim, mas são muito raras, muitos esparsas. Um reitor às vezes não compreende, o atual não, o atual até compreende muito bem do porquê às vezes a gente cobre uma pauta que faz críticas à universidade ou aponta um defeito da universidade, no aspecto negativo da universidade. Teve uma reitora que dizia inclusive o seguinte: "Todo mundo já bate na gente, porque que vocês também fazem isto?". Nós não batemos, nós damos a oportunidade quando abrimos

o microfone para a senhora, a gente está dando exatamente a oportunidade para a senhora explicar tudo o que está acontecendo, a senhora deveria agradecer a gente porque fazemos isto, dá esta matéria como ela tem que ser feita e a gente insiste: “Olha, se nós ensinamos os nossos alunos em sala de aula o que é o correto e o bom jornalismo e nós não o praticamos na rádio universitária, então a gente tem que pedir para a senhora fechar a rádio universitária, só resta isto”. Aí ela acabou compreendendo, mas nunca há, nunca houve uma intervenção muito clara. Aliás, essa mesma reitora, registre-se, ela bancou a gente uma vez, quando num episódio numa eleição aqui: um radialista, dono de rádio, muito bocudo chamou a mulher do governador de vadia, de prostituta e de um monte de coisas e teve processo judicial, mas o governador também foi extremamente autoritário e tudo o mais. A gente abriu espaço para o debate sobre liberdade de imprensa e não liberdade de imprensa, e chamou este radialista para dar o seu ponto de vista no debate porque esse era o foco da questão, assim como chamou o governador para dar o seu ponto de vista, pelo simples fato de nós termos chamado este radialista, o governador quis usar a lei eleitoral para fechar a rádio universitária, fechar a rádio mesmo, não era fechar só os nossos programas não. Aí foi a mesma reitora, que às vezes não compreendia porque que nós também cobríamos fatos negativos da universidade, que nos defendeu, ela foi para as vias da justiça e manteve a rádio no ar e ganhamos todos os processos.

- Pergunta adicional: Vocês fazem a cobertura das eleições, já houve alguma questão por conta disso, de dar mais enfoque ou menos para um candidato, por conta da política do próprio reitor ou da própria da emissora da universidade?

Resposta: Não, não, não, esse nível de interferência, de intervenção nunca, nunca, nunca ocorreu como disse antes. Foram pequeníssimas as tentativas de intervenção, na maior parte dessa pequeníssima quantidade é só para tentarmos evitar expor a universidade. Uma ou duas vezes, que eu lembro, recebemos uma sugestão de pauta de que uma praça seria inaugurada pelo prefeito perto da rádio e seria bom se tivesse um tratamento privilegiado e aparecessem três edições seguidas, a gente fez a cobertura numa só, até porque tinha valor notícia na história, porque era uma praça historicamente ocupada por usuários de drogas e quando foi feita a reforma acabou isso, e a comunidade do entorno passou a usá-la, e os

usuários de droga saíram de lá. Nós fizemos uma vez e não repetimos, nas outras sugestões nós nos negamos, porque achávamos que passaríamos da notícia para a propaganda, e não houve a tentativa nem uma pressão para que então continuássemos no sentido de desrespeitar nossa decisão editorial, então nós somos muito tranquilos quanto a isso.

22- Em sua opinião, quais os benefícios e prejuízos do produto laboratorial ser veiculado pela rádio universitária?

Resposta: Não vejo prejuízo nenhum, é uma rádio da universidade, é uma rádio triplamente pública, eu falo isto para os alunos, é pública porque é uma concessão pública, aliás, começa que ela é pública porque todo o trabalho jornalístico tem natureza pública, ela é pública porque é uma concessão pública, e ela é pública porque é gerida por uma entidade pública, uma instituição pública que é a Universidade Federal de Goiás, poderíamos até acrescentar um quarto critério público, que esta instituição por acaso é uma instituição de ensino que por natureza é uma atividade pública. Do lado negativo não tem nenhum fator, quer dizer, eu fiz este embasamento que ela é pública para explicar que é obrigação dela se abrir para o espaço laboratorial também, como se abre, aliás, para o espaço laboratorial dos estudantes de engenharia que vão estudar transmissão e esta parte técnica e tecnológica de emissão de ondas eletromagnéticas e tudo mais. Ela também é espaço de estágio também para alunos do Instituto Federal de Ensino Tecnológico aqui da área de telefonia, das mesas de áudio, essas coisas que tem a ver com a área de telefonia e tudo mais. É obrigação dela abrir este espaço e não é espaço negativo nenhum porque o sonho de todo curso de jornalismo é ter emissoras para onde desaguar a sua produção laboratorial, houve uma época que a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação até tinham um slogan “Uma rádio em cada curso”, quer dizer, achavam que era fundamental ter uma rádio e se baseavam muito no nosso modelo aqui de uso do espaço laboratorial. Então, não vejo motivos negativos assim nenhum, nenhum, mas poderia, por exemplo, falar que podíamos ter mais espaço e uma autonomia ainda maior e talvez melhorarmos a linha editorial se a rádio fosse vinculada diretamente ao nosso curso, eu não sei, talvez sim, talvez não, é uma discussão. E fatores positivos são todos, porque a rádio universitária o fato dela estar como rádio no mercado, o aluno está ao vivo, ele está se

relacionando com o público real e completo e concreto e não é só um estúdio. Aliás, nós temos na área física do curso um estúdio de rádio, de gravação que serve de apoio à disciplina de radiojornalismo e produção radiofônica, por exemplo, mas neste estúdio qual é o público? O público é o professor e no máximo um colega ou outro, isso já é bom para o aprendizado, mas não é suficiente. Eu até teorizo um pouco nos meus artigos que a mediação do público é fundamental para qualquer laboratório de jornalismo e, por isso, o fato de ser numa rádio emissora com concessão, com sintonia, sintonizada pelo público real e concreto só tem vantagens a trazer para formação destes futuros jornalistas.

- 23- O produto laboratorial não sendo veiculado por uma rádio universitária, você considera que os alunos têm mais liberdade para produzir o conteúdo do rádio-laboratório?
- 24- Em sua opinião, quais os benefícios e prejuízos do produto laboratorial ser veiculado de forma autônoma da rádio universitária?

ANEXO III
QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELO
PROFESSOR VINÍCIUS DORNE

Questionário respondido pelo professor Vinícius Dorne por e-mail no dia 22 de outubro de 2013.

⇒ **Identificação:**

- Nome do professor: Vinícius Durval Dorne
- Universidade: Centro Universitário Cesumar (UniCesumar)
- Rádio-laboratório: Jornal da RUC (radiojornal), radiorevista, programa de debate e radiodocumentário.

1- Qual período você trabalha/trabalhou com rádio-laboratório?

Resposta: Na disciplina de Radiojornalismo, trabalho com o rádio-laboratório “Jornal da RUC” durante o primeiro semestre do ano. Posteriormente, durante o terceiro bimestre, trabalha-se com o desenvolvimento de radiorevistas (com temáticas e estrutura propostas, a cada ano, pelos alunos). Por fim, no quarto bimestre, há a produção de radiodocumentários (também com temáticas estabelecidas pelos discentes).

⇒ **Rádio-laboratório em sala de aula**

2- O rádio-laboratório consta no projeto pedagógico do curso? Você considera que estar ou não no PP interfere no produto laboratorial ou nas práticas em relação a ele? Por quê?

Resposta: O rádio-laboratório consta no projeto pedagógico do curso, sendo elemento essencial para a disciplina de “Radiojornalismo”. Como preconiza o projeto e frente à experiência ao longo dos três anos em que coordeno os trabalhos, o rádio-laboratório tem que ser elemento obrigatório no projeto de curso, uma vez que ressalta sua importância para a aprendizagem dos discentes no que se refere à prática cotidiana de radiojornalismo. Desta forma, garante que todo e qualquer professor que assuma a disciplina tome como normativa a realização do mesmo.

3- Em qual momento do curso os alunos começam a participar do rádio-laboratório? E essa participação do aluno no rádio-laboratório é obrigatória?

Resposta: No que concerne à disciplina de “Radiojornalismo”, os alunos participam obrigatoriamente do rádio-laboratório a partir do terceiro ano do curso. Todavia, como leciono a disciplina de “Linguagem Radiofônica” para os primeiros anos de

Comunicação Social (Publicidade e Propaganda; Jornalismo), faço-os produzir programas experimentais para a rádio educativa da instituição.

4- Como o rádio-laboratório se relaciona com a disciplina?

Resposta: O rádio-laboratório é o espaço prático-experimental para os discentes poderem produzir produtos, frutos das discussões teóricas que norteiam a disciplina de “Radiojornalismo”. Trata-se de instrumento para compreender o que é um radiojornal, qual sua rotina, desafios e alcances da produção rotineira. Desta forma, o discente pode compreender como se elabora, por exemplo, notas, boletim, entrevista, reportagem, quadros etc. Posteriormente, o aluno também compreende quais são as características próprias de uma radiorevista, de um programa de debate e de um radiodocumentário. Sempre, antes de toda e qualquer produção, há discussões/reflexões teóricas sobre cada formato/gênero a ser trabalhado.

5- Qual a importância do rádio-laboratório para o processo ensino-aprendizagem?

Resposta: O rádio-laboratório é de extrema importância para que os alunos possam compreender como funcionam, na prática, as discussões travadas nas obras estudadas referentes aos Radiojornalismo. É espaço primordial para a reflexão contínua sobre o fazer jornalístico, mediante avaliação do docente, bem como apontamentos dos demais alunos.

6- Quais os reflexos do rádio-laboratório dentro da sala de aula? Há mudança em como os alunos se envolvem com a disciplina? Dê exemplos.

Resposta: Os discentes sempre esperam ansiosos para a chegada ao terceiro ano para, entre outras atividades, poderem produzir o Jornal da RUC, bem como realizar os debates e produzir radiodocumentário. Desta forma, o envolvimento dos alunos para com a qualidade plástica e informativa do referido radiojornal, por exemplo, é grande: buscam propor novidades ao já realizado nos anos anteriores. Uma vez que a avaliação se dá conjuntamente com os alunos (seja na revisão do roteiro, seja na discussão sobre os produtos sonoros elaborados), semana após semana, busca-se evitar erros já detectados, como forma de melhorar a qualidade dos conteúdos produzidos. Outro momento a se destacar, é a condução de programas de debate e a produção de radiodocumentários: a cada ano, busca-se inovar nas propostas temáticas, bem como na escolha de fontes, e na sonoplastia dos produtos.

7- O rádio-laboratório consegue agregar e contribuir na formação teórica e prática dos estudantes? Alguma dessas duas esferas (teoria e prática) se sobrepõe à outra no produto laboratorial?

Resposta: É nítido como o rádio-laboratório contribui para a formação tanto teórica quanto prática dos estudantes, uma vez que a teoria é a base das reflexões que levam os alunos a compreender o que é um radiojornal, radiorevista, programa de debate e radiodocumentário (estrutura, elementos, funcionamento etc) e suas implicações dentro da sociedade contemporânea, e a prática é o momento propício para o discente aprender/compreender como se efetivam os diferentes formatos/gêneros radiojornalísticos. Desta forma, não há como afirmar que alguma dessas esferas se sobreponha a outra, uma vez que a teoria é elemento fundamental para a prática (não há prática sem uma teoria que a respalde), e a teoria não tem fundamento sem uma prática sobre a qual reflita (sobre a ação do homem na sociedade).

8- Qual o impacto que o rádio-laboratório tem na vida acadêmica dos alunos?

Resposta: O rádio-laboratório é o espaço de ensino-aprendizagem constante para os alunos: é o momento em que, semana após semana, podem aprender sobre a prática radiojornalística. Tal instrumento tem sido fundamental para o aluno ter uma formação completa e estar preparado, também, para aquilo que os veículos de comunicação do mercado exigirão.

9- Quantas horas de programação por semana o rádio-laboratório tem? E quantas horas os alunos utilizam para produzir o material que será veiculado?

Resposta: Uma vez que o rádio-laboratório depende da quantidade de alunos que cursam a disciplina de "Radiojornalismo", não há uma duração padrão em todos os anos, exceto a duração de cada edição do "Jornal da RUC", que é de 15 minutos. A referida disciplina tem duas aulas por semana, utilizadas integralmente para a produção do referido rádio-laboratório. Assim, os alunos sempre têm uma semana para produzir material para cada edição inédita do "Jornal da RUC". Para a produção das radiorevistas, amplia-se a duração de cada edição para 25 minutos. Em grupos maiores, produzem sempre programas de debates (ou mesa-redonda) e radiodocumentários com duração de 30 minutos.

10- Quais são os tipos de programa que os alunos produzem para o rádio-laboratório (rádiojornal, programa de entrevista, programa cultura, esportivo, revista, documentário, etc)?

Resposta: Ao longo da disciplina de “Radiojornalismo”, que é anual, os alunos desenvolvem rádiojornal, radiorevista (de diferentes propostas; a cada ano, os alunos podem optar qual tipo de programa produzirão: esportivo, cultural etc), programa de debate e radiodocumentários (também com temáticas propostas pelos discentes).

11- Qual é o feedback que você tem dos alunos sobre o rádio-laboratório?

Resposta: Durante todos esses anos, sempre recebo feedback positivo dos alunos: eles costumam enfatizar como o rádio-laboratório é essencial para eles aprenderem efetivamente o que é fazer jornalismo para o rádio. Os egressos inseridos no mercado de trabalho também afirmam que, para sua efetivação no veículo de comunicação, foram imprescindíveis os ensinamentos ao longo da disciplina.

12- Você vê diferenças na formação dos alunos com o rádio-laboratório? Dê exemplos.

Resposta: Os discentes que passam pela experiência do rádio-laboratório, geralmente, são mais completos, pois puderam vivenciar a prática, ou seja, puderam compreender como teoria e prática são indissociáveis, uma vez que são complementares. Os alunos que vivenciam tal oportunidade estão mais propensos a entender as diferentes práticas jornalísticas próprias para o rádio (o que é, como funciona, como produzir, como se reflete sobre a produção).

⇒ **Comparação com e sem o produto laboratorial**

13- Como os alunos que participaram do rádio-laboratório estão posicionados no mercado de trabalho?

Resposta: Geralmente, os alunos que se empenham no rádio-laboratório (mas também em demais disciplinas, uma vez que acredito em uma formação completa do discente e não parcial/fracionada) estão bem colocados no mercado de trabalho, principalmente pelo fato de a produção elaborada durante a disciplina fazer parte do seu portfólio (em nossa instituição, toda a produção é veiculada pela emissora educativa da instituição, a Rádio Unicesumar FM, 94,3).

14- Qual a diferença do aluno fazer estágio numa rádio e participar do rádio-laboratório?

Resposta: Ainda que haja uma regulamentação própria para o estágio em Jornalismo, dificilmente no ambiente do mercado de trabalho, o discente pode/tem a oportunidade de refletir sobre a produção, muitas vezes, nos veículos de comunicação, priorizam-se somente as etapas de produção, mas não uma reflexão *a posteriori*, que é tão importante quanto o próprio fazer jornalístico. Desta forma, o rádio-laboratório é este espaço primordial para o aluno produzir e refletir conjuntamente (com o professor – que orienta e coordena todas as etapas de produção: questionando o próprio momento do fazer – e demais colegas de turma).

15- Qual é o feedback do público em relação aos programas do rádio-laboratório?

Resposta: Os veículos de comunicação geralmente selecionam os discentes que durante o curso tiveram bom aproveitamento de disciplinas em que existe o rádio-laboratório; este se torna a vitrine para os alunos mostrarem todo o seu potencial sobre qual jornalista desejam ser.

16- Você já trabalhou em outra instituição de ensino que não tivesse rádio-laboratório? Se sim, tem diferença do aluno da instituição de ensino que tem esse produto laboratorial para o que estuda na que não tem?

Resposta: Não.

17- Você já trabalhou em outra instituição de ensino que tivesse um projeto de rádio-laboratório? Há diferenças para o que você trabalha atualmente? Se sim: quais?

Resposta: Sim. Como na outra instituição só lecionava matérias divergentes da que ministro na atual instituição, não consegui observar e vivenciar a prática dos rádios-laboratórios.

⇒ **Formas de veiculação do produto laboratorial**

18- Entendendo a rádio universitária como emissora institucional da universidade, com equipe de jornalistas próprios, estagiários e com programação definida, a instituição de ensino que você atua tem uma emissora de rádio universitária? Se sim, responda as questões de 19 a 22. Do contrário, responda as questões 23 e 24.

Resposta: Sim.

19- O rádio-laboratório é veiculado pela rádio universitária da instituição ou de forma autônoma da emissora da Universidade? Se não, pule para a questão 23.

Resposta: Todas as produções laboratoriais desenvolvidas na disciplina de “Radiojornalismo” – bem como na de “Linguagem Radiofônica”, com os primeiros anos – são veiculadas pela Rádio UniCesumar FM (94,3), disponível também no site pelo endereço www.radiocesumar.com.br.

20- Os alunos têm problemas com a linha editorial da rádio universitária, ou nem a percebem? Como essa relação se dá?

Resposta: Sempre antes do início de toda e qualquer produção, faço uma explanação sobre o que é uma emissora educativa, quais são seus objetivos, e qual o caráter das produções da RUC FM. Assim, somente a partir deste conhecimento, os alunos podem compreender como a produção jornalística para tal tipo de emissora tem suas particularidades; entre elas, principalmente, propiciar um espaço de experimentação da aprendizagem desenvolvida em sala de aula, longe de qualquer arrama política e econômica.

21- Você considera que o conteúdo produzido é modificado pela emissora da Universidade, levando em conta a política editorial da emissora? Explique.

Resposta: Na UniCesumar, o professor da disciplina é o orientador e coordenador das produções, tendo total autonomia sobre os conteúdos (e a forma como os mesmos são abordados) produzidos e veiculados. Não há qualquer interferência pela direção da emissora, principalmente, também, pois os professores das disciplinas que têm rádio-laboratórios procuram manter contato diário com os diretores da emissora.

22- Em sua opinião, quais os benefícios e prejuízos do produto laboratorial ser veiculado pela rádio universitária?

Resposta: Uma vez que a rádio universitária se propõe como espaço de aprendizagem e experimentação, não vejo outra forma que não o benefício total para o aluno: é por meio dela, que seu trabalho pode ser (re)conhecido socialmente. Trata-se de uma emissora estabelecida e reconhecida na cidade, sendo vitrine para a produção ali veiculada.

23- O produto laboratorial não sendo veiculado por uma rádio universitária, você considera que os alunos têm mais liberdade para produzir o conteúdo do rádio-laboratório?

Resposta: Considerando que a RUC FM não impõe qualquer limitação político-econômico-partidária, os alunos têm espaço para ousar e colocar a criatividade em

ação. A única forma de expressão que é proibida – assim como em demais emissoras – são aquelas eróticas/pornográficas. Os discentes, também, nunca reclamaram de se sentir limitados por produzir para uma emissora educativa. Procuro sempre enfatizar que fazer uma emissora educativa não é sinônimo de caretice e de tradicionalismo, pois sempre é possível apostar no novo e no diferente.

24- Em sua opinião, quais os benefícios e prejuízos do produto laboratorial ser veiculado de forma autônoma da rádio universitária?

Resposta: Acredito que todo o produto laboratorial fruto das disciplinas ao longo do curso deve estar atrelado à emissora da instituição, desde que esta preze pela liberdade de expressão dos discentes e exerça com responsabilidade o que preconiza os objetivos de uma emissora educativa. Desta forma, reforça-se a importância de a universidade ter um veículo de comunicação próprio e, conseqüentemente, como os alunos precisam se apoderar desse poderoso instrumento de aprendizagem. Todavia, caso não seja possível (por não haver emissora própria), não há impossibilidade de o conteúdo ser veiculado por demais emissoras; reforçando que sempre o discente tem que observar se a emissora que veiculará o conteúdo não está impedindo ou colocando alguma barreira (linha editorial) para os alunos na produção do material.

ANEXO IV
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA TELEFÔNICA COM
A PROFESSORA ANA PAULA MACHADO VELHO

Transcrição da entrevista gravada por telefone com a professora Ana Paula Machado Velho no dia 5 de novembro de 2013.

⇒ **Identificação:**

- Nome do professor: Ana Paula Machado Velho
- Universidade: UniCesumar
- O rádio-laboratório da universidade tem algum nome?

Resposta: O rádio-laboratório não tem nome. Na verdade, é uma disciplina onde a gente tinha um programa e esse programa continua, ele era chamado de megafone e agora se chama força ação. Na verdade, eu vou voltar a dar aula, mas o programa que eu fazia, o rádio laboratório é o Megafone.

1- Qual período você trabalha/trabalhou com rádio-laboratório?

Resposta: Eu trabalhei até 2010. Na verdade, de 2002 a 2010.

⇒ **Rádio-laboratório em sala de aula**

2- O rádio-laboratório consta no projeto pedagógico do curso?

Resposta: Não no projeto pedagógico, ele faz parte do meu planejamento de ensino, como se fosse um projeto de ensino. Na verdade, eu apresentei como um projeto de ensino e como projeto de extensão. Depois ele se transformou como projeto de extensão, porque atendia a comunidade em geral, então, a gente registrou como projeto de extensão também.

2.1- Você considera que estar ou não no PP interfere no produto laboratorial ou nas práticas em relação a ele? Por quê?

Resposta: Não interfere. Com relação ao PP, não interfere, depende do colegiado.

3- Em qual momento do curso os alunos começam a participar do rádio-laboratório? E essa participação do aluno no rádio-laboratório é obrigatória?

Resposta: É obrigatória, faz parte da disciplina e é no 2º e 3º anos. Fazer essa produção também se refletia mais pra frente na produção do jornalista. Quando a gente dava aula de jornalismo e trabalhava essa multiplicidade midiática, eles também de alguma forma colocavam em prática o que eles tinham aprendido lá no

rádio jornalismo, fazendo os podcasts, por exemplo. Então, de alguma maneira, lá no quarto ano os estudantes não participavam mais do laboratório, mas eles aproveitavam esse conhecimento lá do rádio laboratório para fazer na rádio os podcasts que eles desenvolviam pra disciplina de jornalismo.

4- Como o rádio-laboratório se relaciona com a disciplina?

Resposta: Ele é na verdade a base da disciplina. A primeira era rádio e jornalismo e depois a produção e rádio. Então, o estudante aprendia o conceito de radiojornalismo, o histórico, e depois, na produção de rádio, ele colocava em prática. No segundo ano, começava as partes teóricas e já ia para o laboratório fazer rádio-laboratório e, no terceiro ano, você colocava em prática. Então a relação era o conteúdo pequeno e planejamento discutido, era isso o que baseava o rádio - laboratório.

5- Qual a importância do rádio-laboratório para o processo ensino-aprendizagem?

Resposta: Fundamental, porque é encontrando as dificuldades no dia-a-dia da produção radiofônica, rádio e jornalista que o sujeito se constrói como profissional. Porque você só aprender o que deve fazer pode ficar apenas na suposição, mas quando você faz o rádio-laboratório e o estudante precisa resolver problemas, isso vai construir o profissional de uma maneira diferente, porque ele já vai enfrentar ali no produto laboratorial situações que ele pode enfrentar também no cotidiano na área profissional.

6- Quais os reflexos do rádio-laboratório dentro da sala de aula? Há mudança em como os alunos se envolvem com a disciplina? Dê exemplos.

Resposta: A gente não tinha rádio-laboratório e a gente produzia o material no laboratório de rádio. No segundo ano, o primeiro semestre era feito em sala de aula e o segundo semestre nós não tínhamos mais atividades em sala de aula e íamos direto para o ambiente do rádio laboratório, nós tínhamos estúdio, ainda temos, e tudo era feito lá. E, no terceiro ano, eram praticamente apenas as duas primeiras aulas do ano na sala de aula e depois era direto lá no rádio laboratório.

7- O rádio-laboratório consegue agregar e contribuir na formação teórica e prática dos estudantes? Alguma dessas duas esferas (teoria e prática) se sobrepõe à outra no produto laboratorial?

Resposta: Na verdade, eu acho que o produto laboratorial tem a função exatamente de não privilegiar um ou outro, e sim de tentar colocar na prática o que se viu na teoria. Eu acho que é aí, no rádio laboratório, que você equilibra a parte teórica e enfrenta as questões práticas.

8- Qual o impacto que o rádio-laboratório tem na vida acadêmica dos alunos?

Resposta: Só vou te dizer que os meus alunos de rádio, aqueles que se destacaram, tem uma boa parte deles que está trabalhando com rádio até hoje. E com certeza tem uma mudança total de comportamento. Eu acho que a prática faz o sujeito se desenvolver mais e isso, de alguma maneira, constrói eles de maneira diferente. É claro que tem uma parte dos alunos que não está nem ai, não faz nada, mas aqueles que realmente se envolvem com a prática, esses sim tem atitudes diferentes, eles vão para o mercado de trabalho com mais facilidade e estão mais maduros no mercado de trabalho. E é o rádio-laboratório que oferece essa prática, el ajuda pra caramba.

9- Quantas horas de programação por semana o rádio-laboratório tem?

Resposta: De produção eram três horas de rádio, uma hora segunda, uma hora terça, uma hora quarta, uma hora quinta, sexta não. Esses programas eles eram divididos em alguns trozezinhos, vamos dizer que eram umas três horas e meia de programação semanal.

9.1- E quantas horas os alunos utilizam para produzir o material que será veiculado?

Resposta: Dentro da escola era uma hora pra cada grupo, então seriam uns cinco grupos, dava uma hora por para eles revezarem. Agora, fora dali, para fazer as entrevistas e captarem as informações, uma hora e meia, mais ou menos. Dentro do laboratório, os grupos tinham uma hora para fechar o radiojornal deles. Então vamos pensar ai que para produzir tudo os alunos produziam 2 horas e meia por semana, 1 hora lá dentro e 1 hora e meia captando as coisas do lado de fora. E tinha a hora da gravação que a gente gravava, eram duas aulas, então são duas horas mais uma, são umas quatro horas por semana para fazer o radiojornal por aluno.

10- Quais são os tipos de programa que os alunos produzem para o rádio-laboratório (rádiojornal, programa de entrevista, programa cultura, esportivo, revista, documentário, etc)?

Resposta: A gente produzia radiojornal, documentários, rádio revista, dentre outros.

11- Qual é o feedback que você tem dos alunos sobre o rádio-laboratório?

Resposta: Eu sempre percebi que eles gostavam muito, eu percebi que eles desenvolviam muito, mas como os radiojornais eram feitos em maior número, eles cansavam. Quando a gente fazia os programas diferentes, de rádio revista e rádio documentário, eles se envolviam mais. Como os radiojornais eram exibidos todos durante a semana, então todo mundo tinha que fazer, eles sempre ficavam meio de saco cheio. Mas eu sempre senti um desenvolvimento muito grande, exatamente por causa da questão, que eu imagino, da prática. Isso dá outro pique de desenvolvimento para as pessoas.

12- Você vê diferenças na formação dos alunos com o rádio-laboratório? Dê exemplos.

Resposta: Sim, com certeza, exatamente por causa disso. Aquela maturidade que te falei anteriormente. Dá maturidade dos alunos.

➔ **Comparação com e sem o produto laboratorial**

13- Como os alunos que participaram do rádio-laboratório estão posicionados no mercado de trabalho?

Resposta: Boa parte dos alunos que se destacaram nos rádiojornais dentro da sala de aula estão trabalhando em rádio, muito legal isso. Alguns saíram da universidade, começaram a trabalhar em rádio e hoje estão em televisão. Eu sei que o rádiojornal deu uma base muito legal pra eles.

14- Qual a diferença do aluno fazer estágio numa rádio e participar do rádio-laboratório?

Resposta: Eu acho que em um estágio numa rádio você tem muito pouco feedback do que você faz no dia-a-dia, muito mais os donos de rádio exploram o trabalho do estagiário. No rádio jornal ou rádio-laboratório, você tem a produção e a correção

daquilo que você faz, então o professor está te encaminhado naquilo, está te corrigindo e te avaliando, eu acho que isso ajuda também.

15- Qual é o feedback do público em relação aos programas do rádio-laboratório?

Resposta: Por incrível que pareça, a gente tinha um feedback legal, das pessoas comentarem as coisas. Precisamos combinar que a rádio da gente também é uma rádio universitária e as pessoas de dentro da comunidade universitária que ouviam. Então, existia um feedback legal, porque, na verdade, você está dentro de uma comunidade em que a rádio está tocando, as pessoas ouvem. Não sei se as pessoas absolutamente pegavam lá e colocavam no dial e escutavam, mas, como dentro da instituição, a programação era veiculada, então, o feedback era legal.

16- Você já trabalhou em outra instituição de ensino que não tivesse rádio-laboratório?

Resposta: Já trabalhei e foi horrível, porque você não tinha como viver essa realidade cotidiana do jornalismo. Não estou falando só de rádio, mas também de jornal-laboratório impresso, isto é complicado. Fiquei pouco tempo lá por falta de estrutura.

16.1- Se sim, tem diferença do aluno da instituição de ensino que tem esse produto laboratorial para o que estuda na que não tem?

Resposta: Com certeza, com certeza absoluta, em todas as áreas. Nós vemos isso no mercado de trabalho de Maringá, as pessoas que estão no jornal impresso, nós temos um jornal-laboratório muito bom impresso, as pessoas do rádio e muito mais. Dá pra ver com muita clareza a diferença.

17- Você já trabalhou em outra instituição de ensino que tivesse um projeto de rádio-laboratório? Há diferenças para o que você trabalha atualmente? Se sim: quais?

Resposta: Não.

⇒ **Formas de veiculação do produto laboratorial**

18- Entendendo a rádio universitária como emissora institucional da universidade, com equipe de jornalistas próprios, estagiários e com programação definida, a instituição de ensino que você atua tem uma emissora de rádio universitária? Se

sim, responda as questões de 19 a 22. Do contrário, responda as questões 23 e 24.

Resposta: A instituição de ensino tem uma rádio universitária, têm estagiários, mas, na verdade, só tem uma pessoa formada lá dentro, então ainda tem que fazer equipe.

19- O rádio-laboratório é veiculado pela rádio universitária da instituição ou de forma autônoma da emissora da Universidade? Se não, pule para a questão 23.

Resposta: Sim e é veiculada até hoje.

20- Os alunos têm problemas com a linha editorial da rádio universitária, ou nem a percebem? Como essa relação se dá?

Resposta: Não, nunca se discutiu esse tipo de coisa. Sempre fizemos as produções sem nenhuma censura. Nunca tivemos problema, sempre fizemos o que a gente quis, sempre falamos o que quisemos, falamos de aborto, de religião, de tudo que você pode imaginar, nós falamos sem qualquer censura, não houve nada, por incrível que pareça.

21- Você considera que o conteúdo produzido é modificado pela emissora da Universidade, levando em conta a política editorial da emissora? Explique.

Resposta: De jeito nenhum, não, não mexiam. Era tudo sempre pela gente.

22- Em sua opinião, quais os benefícios e prejuízos do produto laboratorial ser veiculado pela rádio universitária?

Resposta: Os benefícios são esses de preparar o sujeito profissional para o mercado de trabalho. E eu não vejo prejuízo nenhum, o único prejuízo é que ninguém ganha nada e é um trabalho danado.

23- O produto laboratorial não sendo veiculado por uma rádio universitária, você considera que os alunos têm mais liberdade para produzir o conteúdo do rádio-laboratório?

24- Em sua opinião, quais os benefícios e prejuízos do produto laboratorial ser veiculado de forma autônoma da rádio universitária?

ANEXO V
QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELO
PROFESSOR LUIZ WITIUK

Questionário para os professores dos rádios-laboratórios

⇒ Identificação:

- Nome do professor: Luiz Witiuk
- Universidade: Universidade Positivo
- Rádio-laboratório: Rádio Teia

1- Qual período você trabalha/trabalhou com rádio-laboratório?

Resposta: Desde 2004.

⇒ Rádio-laboratório em sala de aula

2- O rádio-laboratório consta no projeto pedagógico do curso? Você considera que estar ou não no PP interfere no produto laboratorial ou nas práticas em relação a ele? Por quê?

Resposta: O rádio-laboratório (Rádio Teia) propriamente, não. O que há são propostas de utilização de todos os meios possíveis para que os alunos, no radiojornalismo, tenham todas as oportunidades de exercitar, portanto do fazer radiojornalismo. Tanto que, além da experiência da Rádio Teia, há também diversas parcerias com rádios comerciais onde os alunos têm a oportunidade praticar o radiojornalismo. Não creio que o fato de estar ou não no PP haja algum tipo de interferência nas práticas laboratoriais em rádio. Por quê? Porque a prática depende muito mais da motivação e da convivência do professor com os alunos do que apenas constar num plano.

3- Em qual momento do curso os alunos começam a participar do rádio-laboratório? E essa participação do aluno no rádio-laboratório é obrigatória?

Resposta: Desde o primeiro ano. A obrigatoriedade começa a partir do segundo ano do curso, quando convivem mais diretamente com a disciplina.

4- Como o rádio-laboratório se relaciona com a disciplina?

Resposta: É uma extensão da disciplina.

5- Qual a importância do rádio-laboratório para o processo ensino-aprendizagem?

Resposta: Os alunos sabem, desde as primeiras experiências com o rádio, que a Rádio Teia é a grande oportunidade de, ao terminar o curso, ir para o mercado sabendo fazer rádio.

6- Quais os reflexos do rádio-laboratório dentro da sala de aula? Há mudança em como os alunos se envolvem com a disciplina? Dê exemplos.

Resposta: Isso varia de aluno para aluno. Há aqueles que já no primeiro dia de aula dizem com todas as letras que “não gostam de rádio”. Há aqueles que se mostram interessados em conhecer mais e até com pretensões futuras como profissional nessa mídia. O que se constata é algo impressionante: mesmo o aluno que rejeitava o rádio, na medida em toma contato e passa a experimentar, produzir, falar ao microfone, fazer reportagens, apresentar programas... ,passa a se entusiasmar. Os reflexos são os melhores possíveis. A disciplina de rádio sem um rádio-laboratório torna-se vazia, sem sentido para o aprendizado.

7- O rádio-laboratório consegue agregar e contribuir na formação teórica e prática dos estudantes?

Resposta: Sim, e muito.

7.1- Alguma dessas duas esferas (teoria e prática) se sobrepõe à outra no produto laboratorial?

Resposta: Não. Uma é complemento e resposta à outra.

8- Qual o impacto que o rádio-laboratório tem na vida acadêmica dos alunos?

Resposta: Muitas qualidades latentes, portanto ainda desconhecidas porque não provocadas, afloram e tornam-se motivadoras para os alunos. Muitos vão além do solicitado pela disciplina e criam programas com formatos variados, dedicando-se mais ao meio rádio. Muitos são os alunos formados que hoje atuam no rádio comercial por causa do rádio laboratório e das possibilidades ele exploradas.

9- Quantas horas de programação por semana o rádio-laboratório tem? E quantas horas os alunos utilizam para produzir o material que será veiculado?

Resposta: A rádio Teia está 24h no ar com a programação. Durante o dia há fatias de horários com programas ao vivo que se intercalam com programas gravados. À noite a programação continua em looping, gravada. Não há horário estipulado. Sei que despendem muito tempo.

10- Quais são os tipos de programa que os alunos produzem para o rádio-laboratório (rádiojornal, programa de entrevista, programa cultura, esportivo, revista, documentário, etc)?

Resposta: Há o radiojornal denominado Jornal da Teia. É diário, de segunda a sexta-feira, às 17h. Os alunos são organizados em equipes. Há um calendário

previsto ao longo do ano, de tal modo que cada equipe sabe, de antemão, os dias em que deverá atuar ao longo do ano. Esse programa está diretamente ligado à disciplina e obrigatório. Além disso, os alunos desenvolvem como trabalho da disciplina reportagens, reportagens especiais, entrevistas, programas de entrevistas, documentários, programa esportivo, programa cultural e ligado à música, enfim os mais diversos formatos. Há ainda a cobertura de eventos: Copa das Confederações, Eleições de dois em dois anos, Jornada Esportiva... e outros eventos, ao vivo.

11- Qual é o feedback que você tem dos alunos sobre o rádio-laboratório?

Resposta: A grande maioria gosta muito e quer fazer acontecer. São aqueles que desejam aprimorar a própria formação jornalística e profissional. Há uns poucos que “aguentam” e são os menos aplicados.

12- Você vê diferenças na formação dos alunos com o rádio-laboratório? Dê exemplos.

Resposta: Sim e muito. Saem melhores preparados para o mercado da radiodifusão. É frequente ouvir alunos hoje formados afirmarem que o que as aulas e as práticas de rádio-laboratório proporcionaram facilitaram o engajamento no mercado de trabalho radiofônico.

⇒ **Comparação com e sem o produto laboratorial**

13- Como os alunos que participaram do rádio-laboratório estão posicionados no mercado de trabalho?

Resposta: Muito bem posicionados. Prontos desde o primeiro momento que começam atuar.

14- Qual a diferença do aluno fazer estágio numa rádio e participar do rádio-laboratório?

Resposta: No rádio-laboratório o aluno põe efetivamente a mão na massa: produz, organiza, faz reportagem, edita reportagem, apresenta o programa informativo... Enfim, desenvolve e experimenta todo o processo com finalização do programa no ar. Numa rádio comercial, nem sempre o aluno tem a oportunidade de uma atuação mais direta. Fica mais restrita a experiência.

15- Qual é o feedback do público em relação aos programas do rádio-laboratório?

Resposta: Não tenho como responder de forma precisa.

16- Você já trabalhou em outra instituição de ensino que não tivesse rádio-laboratório? Se sim, tem diferença do aluno da instituição de ensino que tem esse produto laboratorial para o que estuda na que não tem?

Resposta: Já. A diferença é brutal. O aluno que não tem a oportunidade do rádio-laboratório, sai da universidade sem noção da experimentação. Perde oportunidades.

17- Você já trabalhou em outra instituição de ensino que tivesse um projeto de rádio-laboratório? Há diferenças para o que você trabalha atualmente? Se sim: quais?

Resposta: Não.

⇒ **Formas de veiculação do produto laboratorial**

18- Entendendo a rádio universitária como emissora institucional da universidade, com equipe de jornalistas próprios, estagiários e com programação definida, a instituição de ensino que você atua tem uma emissora de rádio universitária? Se sim, responda as questões de 19 a 22. Do contrário, responda as questões 23 e 24.

19- O rádio-laboratório é veiculado pela rádio universitária da instituição ou de forma autônoma da emissora da Universidade? Se não, pule para a questão 23.

20- Os alunos têm problemas com a linha editorial da rádio universitária, ou nem a percebem? Como essa relação se dá?

21- Você considera que o conteúdo produzido é modificado pela emissora da Universidade, levando em conta a política editorial da emissora? Explique.

22- Em sua opinião, quais os benefícios e prejuízos do produto laboratorial ser veiculado pela rádio universitária?

23- O produto laboratorial não sendo veiculado por uma rádio universitária, você considera que os alunos têm mais liberdade para produzir o conteúdo do rádio-laboratório?

Resposta: Entendo que sim. Razão: os alunos precisam ter a oportunidade de experimentar novos formatos e expandir a criatividade. Uma crítica: A criatividade do rádio comercial ficou circunscrita aos anos 1940 e 1950. As rádios fazem tudo muito igual. Há alguma criatividade. Pouca. Se quisermos melhoria e renovação, isso precisa vir da universidade. É o desafio que sempre faço aos alunos.

24- Em sua opinião, quais os benefícios e prejuízos do produto laboratorial ser veiculado de forma autônoma da rádio universitária?

Resposta: Não sei se entendi bem a questão. Vou arriscar: Creio que há somente benefícios: valorização do aluno, da sua criatividade, mostrar o tipo de produção desses alunos, expandir mais o leque de oportunidade de apreciação do trabalho do aluno... e por aí vai. Trabalhei por 12 anos da Rádio Clube Paranaense (hoje RB2). Na época ela era ligada à PUCPR. Sempre defendi horários abertos para a veiculação da produção dos alunos do curso de jornalismo. Infelizmente, poucos aproveitaram.